

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



**Do fato à
manchete**

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00053

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely B. de Santana** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda** •GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** •**Renata Petrocelli** (editora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) •**César Garcia** (copidesque e revisão) • **Ana Lúcia Richa e Jorge Eduardo Machado** (revisão)GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),**Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar** (designers) •**Vivian Ribeiro** (produção gráfica)**Alberto Jacob Filho** (fotografia)Impressão: **Cidade América Artes Gráfica**Tiragem: **36.500 exemplares**

EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



Desenho da aluna Ellen Santos da Costa, 9 anos, Turma 1401
Escola Marechal Esperidião Rosas
1ª CRE, Caju

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Em sintonia com o ambiente

11 pan 2007

Paraíso ao sul do equador

14 carioca

Cidade de muitas paisagens

16 MULTIRIO na web

A capacidade infinita da rede

17 parceria

Saber para melhor preservar

18 olho mágico

20 rede fala

Uma prática de sucesso

22 professor on line

O diálogo como prioridade

24 caleidoscópio

Ações em nome da diversidade

26 capa

Quando a notícia é a pauta

32 artigo

Conexões imediatas: informação e sociabilidade via telefones celulares

34 atualidade

A vez das crianças na mídia

36 presente do futuro

Sem diferenças na escola

39 pé na estrada

Tudo que seu mestre mandar
Mais comunicação na escola

44 foi assim

Cercadas de água e história

46 perfil

Um nobre mercador de sonhos

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Narrativa jornalística

A edição deste mês de NÓS DA ESCOLA traz como tema a narrativa jornalística. Na reportagem de capa, analisamos a relação entre informação e exercício da cidadania, destacando o papel do jornalismo como instrumento de participação na vida social. Na matéria, levantamos as principais questões que preocupam pais, professores e responsáveis na mediação das relações de crianças e adolescentes com as informações que circulam no rádio, na TV, nos jornais e na internet.

Muitos assuntos de interesse ainda fazem parte da agenda deste mês. Na seção *Ponto e contraponto* entrevistamos Peter May, professor da UFFRJ e presidente da Sociedade Internacional de Economia Ecológica. Ele fala sobre a questão do carbono no cenário do aquecimento global.

Aproveitando a produção da nova temporada do programa *Aventuras cariocas*, da MULTIRIO, abordamos os aspectos geográficos e históricos de nossa cidade. O primeiro programa da temporada enfoca a região compreendida entre a Urca e o Centro, palco de vários dos eventos comemorativos dos 200 anos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil.

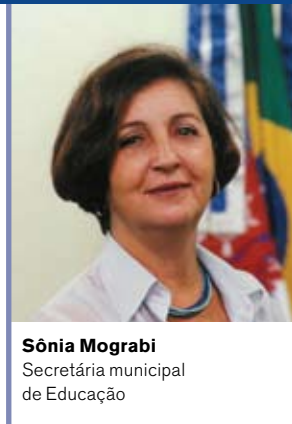
A Comissão de Professores, que funciona como elo entre o nível central da SME e o corpo docente da rede municipal de ensino, é o tema da seção *Professor on line*, que esclarece o papel e a importância do trabalho desse grupo.

Dando continuidade ao artigo da edição anterior, Maria Teresa Lacerda (MULTIRIO), Maria Alice Oliveira da Silva (assistente do E/DGED), Maria de Fátima G. Da Cunha (diretora do E/DGED/DEF) e Nuvimar Palmieri (assessora do E/DGED) escrevem sobre CEST e reagrupamento flexível.

As mudanças no papel da mulher na sociedade são o ponto de partida para uma reflexão sobre como incentivar nas escolas o respeito às diferenças e a igualdade de direitos entre os gêneros. Em um desdobramento da matéria, mostramos como os romances do período em que D. João VI esteve no Brasil retratavam as mulheres e as relações de gênero na época.

Em relação às experiências desenvolvidas pelos professores, na seção *Pé na estrada*, mostramos o projeto Brincadeiras de Ontem e Hoje, desenvolvido pela E. M. Cesar Augusto Soares, em Sampaio, com a intenção de refletir sobre a forma pela qual as crianças brincam atualmente. Durante o trabalho, as crianças foram incentivadas a pesquisar as brincadeiras que faziam a alegria de seus pais e avós, comparando-as com o que hoje as encanta. Já na E. M. Mato Grosso, em Irajá, a professora Christiane Penha resolveu ensinar a linguagem de Libras a mães de deficientes auditivos e acabou despertando o interesse de outras turmas da escola, que agora se comunicam com muito mais facilidade com os alunos da classe especial.

Esses e outros assuntos de interesse você encontra nesta NÓS DA ESCOLA. Tenha uma boa leitura.



Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Sutileza das palavras

Sou coordenadora pedagógica da E. M. Maranhão, da 3ª CRE. Em 2005, lancei meu primeiro livro de poesias, *Renascendo*, na Bienal do Livro. No mesmo ano, lancei meu segundo título, *De sol a sol*, um infantil de tão grande aceitação que me levou a lançar a sua segunda edição em 2006. É uma obra literária que tem estilo poético e reúne histórias com temas do universo infantil. Nele, falo de identidade, perdas, valores, espaço, família, trabalho e meio ambiente. É um livro interativo, para colorir, que desperta na criança o gosto pela leitura e a descoberta da poesia. Apresento-o de uma maneira criativa e interativa, contando e cantando as histórias com o violão. Através das músicas, insiro os temas nele abordados. Numa envolvente conversa com os personagens das histórias, transformados em fantoche, atraio a atenção das crianças para uma viagem às histórias dramatizadas pelos bonecos, tornando-as vivas. O livro possibilita o diálogo das crianças com os personagens, com os quais elas se identificam, por estarem vivenciando as mesmas relações no seu cotidiano. Este ano, lançarei meu terceiro título no Sindicato dos Escritores, na Tijuca, no dia 1º de setembro, e estarei na Bienal do Livro. Meu objetivo é contar e cantar histórias para crianças pelo mundo inteiro e despertar nos adultos o gosto por este estilo literário tão belo, a poesia, dona da sutileza das palavras.

Vera Granado

E. M. Maranhão, Pílares, 3ª CRE

Educação Física

Gostaria de manifestar minha grande satisfação e alegria por ver publicadas as matérias "Mais saúde e muita autonomia" e "A vez da superação", da edição 49 de NÓS DA ESCOLA. Sou estudante de Educação Física e as matérias caíram como uma luva para meus estudos acadêmicos nesse assunto, sobre o qual existe tanto preconceito e falta de valorização. Parabéns por todo o conteúdo.

Franciane Araújo

7ª CRE

Revista do Pan

Recebemos com frequência a revista NÓS DA ESCOLA e confesso que pensávamos no gasto desnecessário diante de tantas necessidades imediatas. Mas o que interessa: levei minha turma à Vila Olímpica da Maré e, enquanto a turma era atendida, fiquei lendo a revista do mês de julho. Achei ótimas matérias sobre o Pan, o Parapan e outras interessantes. Emprestei a revista para a professora Paola, que

trabalha inclusão na Vila Olímpica, e divulguei-a para outros professores. Todos se interessaram. A revista está disputadíssima e tem sido uma ótima fonte de consulta.

Lilian Luzia

4ª CRE

Parabéns

No mês de setembro, o CIEP Dom Oscar Romero faz mais um aniversário. Nós, professores e funcionários, nos sentimos honrados por trabalhar nessa escola e desejamos mais um ano de glórias e alegrias. Aproveito para sugerir uma matéria sobre o trabalho dos Pólos de Atendimento Extra Escolar. O trabalho é de excelente qualidade e precisa ser conhecido por todos os profissionais da rede.

Estela Maria

CIEP Dom Oscar Romero, Irajá, 5ª CRE

A equipe de NÓS DA ESCOLA parabeniza o CIEP Dom Oscar Romero por seu aniversário e agradece a sugestão de matéria, que será avaliada.

Mudança

A partir deste mês, a seção *Século XX1* de NÓS DA ESCOLA ganha novo nome e uma abordagem mais ampla. Em *Multirio na web*, além das novidades e debates em torno das temáticas do Programa Século XX1, vamos falar sobre o Portal MULTIRIO e suas inúmeras possibilidades para os professores.



ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br



Em sintonia com o ambiente

Peter May é um homem engajado. Além de chefiar o Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e dar aulas lá e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal Fluminense (UFF), o economista e cientista social ainda encontra tempo para militar em organizações não-governamentais na defesa do meio ambiente, sobretudo da Amazônia. Em entrevista a NÓS DA ESCOLA, May alerta sobre os perigos do desmatamento e da expansão desenfreada da agropecuária sobre a floresta tropical. Ele fala ainda sobre o aquecimento global e os riscos para o ecossistema amazônico, considerado um dos mais importantes do mundo. Em sua opinião, as soluções para o aquecimento global passam necessariamente por uma cooperação entre todos os países, incluindo as nações em desenvolvimento, como o Brasil. Ele afirma que é preciso estabilizar a concentração de gases responsáveis pelo efeito estufa na atmosfera, para evitar mudanças climáticas catastróficas para a humanidade. Uma das consequências possíveis é a transformação da floresta amazônica em cerrado. Peter May defende também a adoção de políticas de conservação e exploração sustentável da Amazônia e afirma que é preciso criar uma consciência de que o desmatamento da floresta é prejudicial para a economia, devido aos efeitos adversos que pode causar no clima, afetando sobretudo a agricultura. May também ressalta que o Brasil tem avançado no combate ao desmatamento, mas precisa propor soluções que o intensifiquem.

Podemos considerar o aquecimento global o pior problema ambiental da atualidade?

Eu veria a questão em termos da sua importância não reconhecida anteriormente. O fato é que o aquecimento global é um dos fatores que estão levando todos os países do planeta a coordenar suas ações – o próprio desenvolvimento econômico, muito vinculado ao perfil energético, de transporte e ao uso de espaço para habitação. Todas essas atividades humanas estão de alguma forma vinculadas à questão da emissão de gases de efeito estufa. Eu diria que se pode chamá-lo do problema do século XXI de maior penetração, importância, e que vai forçosamente envolver todos os cidadãos do planeta na busca de uma solução.

Os relatórios divulgados pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC)¹ vêm aumentando o grau de alerta sobre as conseqüências do aquecimento global. Cada vez mais se tem a noção de que o problema é mais grave e os efeitos, mais próximos do que se imaginava. Como o senhor analisa esse cenário?

Mais de 2 mil pesquisadores do mundo inteiro estão envolvidos no IPCC, que trata de assuntos associados a três pontos principais: qual o teor do problema, qual a sua severidade e o que se pode fazer a respeito. Este ano foi publicado o quarto relatório do painel, com grande repercussão política e na imprensa, principalmente por causa do alarde feito pelo ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, em seu documentário *Uma verdade inconveniente*. Ela é inconveniente porque implica a necessidade de todo o mundo reduzir suas expectativas sobre quanto e como consumir. E é uma verdade, porque cientistas, depois de 20 anos de deliberação sobre o assunto, afirmaram mais uma vez – porque o IPCC já fizera essa afirmação em duas ocasiões anteriores, mas talvez com um pouco menos de certeza – que, efetivamente, esse problema é causado por ações humanas. No último século, tivemos um aumento de 0,6 grau centígrado confirmado por medições em todos os observatórios. O que se prevê é que, se todas as atividades exercidas pelo homem

que resultam na queima de combustíveis fósseis e na ocupação de novas áreas para agricultura não sofrerem mudanças significativas, poderá ocorrer um aumento exponencial nas emissões e na concentração de gases responsáveis pelo efeito estufa na atmosfera.

Qual o marco inicial do aquecimento global?

Na verdade, esse efeito começou há mais de 200 anos, com o início da Revolução Industrial. Mas foi apenas na segunda metade do século XX que começamos a sentir os seus impactos. A acumulação desses gases já aconteceu e continuará acontecendo de qualquer maneira, não importa o que façamos. O que precisamos fazer é estabilizar essa concentração de gases do efeito estufa, que são o dióxido de carbono (CO₂) e vários outros para os quais se usa sempre o equivalente em CO₂. No momento, ela está em torno de 450ppm [partes por milhão]. O que é considerado limite aceitável gira em torno de 550ppm. Além disso, o clima estaria completamente fora de controle, o sistema atmosférico do globo terrestre seria uma calamidade constante, um desastre. Uma coisa que deve ser dita é que o efeito estufa não é ruim. Sem ele, não estaríamos aqui. Nem as plantas, os bichos, nada. Trata-se do efeito criado pelo envelope de gases, que configuram a atmosfera. Essa composição de gases foi justamente o suficiente para aprisionar o calor proveniente do sol, que passa através da atmosfera e é refletido pela Terra. Alguma parte volta, outra parte é mantida. É contido o suficiente para manter a temperatura em um nível ameno, que permita a vida. Portanto, o efeito estufa é uma coisa boa, desde que ocorra por causas naturais. Por causa de intervenção humana, a partir do século XVIII, com o uso de combustíveis fósseis – que são basicamente material biológico convertido em combustível e utilizado em uma velocidade cada vez mais rápida –, essa concentração pode chegar a níveis que poderiam ser insuportáveis, criando condições climáticas muito adversas.

Que efeitos poderiam acontecer?

O que a gente já está vendo até no Brasil, pela primeira vez, são furacões. Isso foi sempre uma coisa limitada ao Caribe, à faixa tropical, onde se concentra a maior parte das tempestades associadas às mudanças climáticas e de tem- ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

¹ Órgão criado pela ONU para fornecer informações científicas, sociais e econômicas para entender o processo de mudanças climáticas, seus impactos potenciais e possíveis formas de mitigação.



peratura. Mas, em 2004, tivemos o *Catarina*, o primeiro furacão de que se teve notícia no sul do Oceano Atlântico, que atingiu Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Agora vamos começar a ver esse tipo de coisa com maior frequência. Também haverá extremos de clima e não será apenas aquecimento. Em alguns lugares, a temperatura pode baixar. Estamos vendo derretimento polar, que pode resultar em aumento do nível do mar, pois tem-se uma quantidade de água fresca que estava congelada e, de repente, vai derreter numa velocidade mais rápida que a natural e será adicionada ao mar. Áreas costeiras seriam afetadas pelo aumento do nível do mar.

Isso poderia trazer algum efeito para ecossistemas como a Amazônia?

Alguns cientistas afirmam que boa parte da Amazônia poderia virar cerrado. Isso está acontecendo de qualquer maneira por causa da taxa de ocupação da floresta amazônica, que está sendo convertida em pasto e áreas de sojicultura, ou simplesmente sendo degradada por processos de ocupação desordenada, queimadas e abandono. Então, há uma tendência, por causa da forma pela qual a floresta está sendo ocupada, de também provocar mudanças regionais e até extra-regionais no clima. A agricultura do Brasil, do Sudeste e dos cerrados, será certamente afetada. Há uma estimativa de até 40% de redução de chuvas na época mais importante para as culturas, por causa de desmatamento contínuo na Amazônia.

As queimadas são tidas como a principal causa do efeito estufa no Brasil, respondendo por 75% das emissões brasileiras. Como o senhor vê esse problema?

Eu diria que não são só as queimadas. Além delas, há também as mudanças no uso do solo e nas florestas, que, calcula-se, representam uma proporção muito alta em relação à situação em

outros países. No resto do mundo, a contribuição da queima de combustíveis fósseis é muito mais importante, representando em torno de 75% das emissões. No Brasil, é justamente o inverso. A área afetada por queimadas não é só a Amazônia. O manejo de pasto no Brasil inteiro também é feito dessa forma. Todo esse segmento, que é chamado de LULUCF no IPCC e nos acordos do clima, corresponde ao uso do solo, mudanças no uso do solo e florestas. Esse conjunto de atividades inclui a agricultura. A própria agricultura emite gases, porque se revolve a terra e existe muito carbono no solo.

Como o país está hoje em termos de manejo do solo, de queimadas e de avanço sobre a floresta?

Em relação ao controle do efeito estufa, essa é a área menos desenvolvida no Brasil. Temos uma economia baseada principalmente em energia renovável, a hidreletricidade, embora estejamos rapidamente caminhando para um uso maior de combustíveis fósseis na geração elétrica, o que é um problema a ser enfrentado. Estamos promovendo o uso dos biocombustíveis, cujo potencial é muito grande e também implica a redução das emissões de gases do efeito estufa. Na área energética, temos uma série de alternativas. Onde o Brasil não está bem é no setor de transportes e no uso do solo, particularmente no que diz respeito a queimadas de florestas. O país pode propor soluções e elaborar projetos-piloto ou políticas nacionais que efetivamente resultem em um contínuo declínio do desmatamento. Nos últimos três anos, já houve uma queda na taxa de desmatamento. Ela foi de um pico de 29 mil km² por ano, que é cerca de metade de Alagoas, para em torno de 10 mil km², de acordo com a estimativa para 2006/07. Mas se quisermos contribuir com uma posição positiva com respeito à redução de emissões, temos que zerar em termos líquidos esse número, o que significa reflorestar na mesma

proporção em que se desmata. Trata-se de uma coisa cíclica, que tem muito a ver com política de preços, com política de desenvolvimento nacional, exportações, preço de soja no mercado internacional e do boi.

As populações que vivem na Amazônia precisam exercer uma atividade econômica e acabam impactando a floresta. Como promover uma política que equilibre conservação e exploração?

A proposta contida no pacto de desmatamento zero incorpora um conceito de compensação para emissões. O produtor que estiver fazendo o esforço necessário para recuperar áreas de proteção permanente ou reserva legal e que esteja excedendo o que é requerido por lei deve receber uma compensação. Os povos da floresta, assentados, ribeirinhos, índios, que são os guardiães da floresta, também devem ser compensados por seu esforço. O estado do Amazonas recentemente lançou uma proposta chamada de Bolsa Floresta. É uma bolsa destinada a famílias que residem dentro de unidades de conservação, buscando manter a floresta intacta e não permitir que ela seja desmatada.

Como explorar a floresta de forma sustentada?

Há todo um leque de produtos de extrativismo vegetal, nativos, oriundos da Amazônia, como açaí, babaçu, andiroba, copaíba, pupunha, até cacau. Todos esses produtos são utilizados pelas famílias locais para o seu consumo e há uma demanda crescente vinda de fora.

Voltando à questão do aquecimento global, fala-se muito do seqüestro de carbono como alternativa. O que se poderia fazer nesse sentido?

Nesse sentido, o uso do álcool como combustível em transportes é positivo, porque apesar de haver emissões de gases do efeito estufa, ao fazer o plantio, o carbono é capturado da atmosfera. Isso é seqüestro de carbono. O álcool é positivo em termos de posicionamento do Brasil em um patamar internacional de uso de biocombustíveis. Mas, ao mesmo tempo, por causa da forma como está sendo promovido indiscriminadamente, sem critérios socioambientais muito claros, tende a se expandir em uma velocidade que pode até

negar seus benefícios. A área de cultivo da cana está aumentando de forma muito rápida. Se o Brasil virar abastecedor de etanol para o mundo, aí termina sendo realmente uma demanda que vai causar grandes transtornos em termos do uso do solo. Para as empresas que extraem gás e petróleo, existe a proposta de reinjetar o CO₂ ou o próprio metano, ou seja, o gás natural que não se aproveita diretamente de volta nos poços profundos, que são tampados, guardando o gás para uso posterior.

E em relação às florestas?

As propostas para as florestas estão limitadas, devido a um embate entre ambientalistas do Norte e do Sul e entre aqueles que estão mais preocupados com o uso do solo. Por muito tempo, dentro das conferências do clima, não se falava em outra coisa, a não ser reflorestamento e aflorestação, que é criar florestas em áreas onde elas nunca existiram. Essas medidas foram aceitas como parte do acordo do clima e consideradas aptas a receber algum tipo de certificado dentro do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), que faz parte do Protocolo de Kyoto. É o único mecanismo que permite investimento, nos países em desenvolvimento, de recursos associados à mitigação do efeito estufa.

Como o senhor avalia as iniciativas de reflorestamento no Brasil?

O Brasil é um dos maiores reflorestadores do mundo, mas a grande maioria dessa ação é para finalidades industriais. Há muito pouco reflorestamento de florestas nativas ou de gêneros não associados a usos extrativistas, por exemplo. Há reflorestamento de eucalipto, pinho, alguma coisa de seringueira, particularmente em São Paulo e Mato Grosso do Sul, fora da Amazônia. E há algum reflorestamento de palmitos para fins de consumo. A única vantagem de reflorestar é se a floresta for mantida para sempre. Cortando-a em algum momento, perde-se todo o benefício. Em termos de reflorestamento para fins ambientais, o Brasil está engatinhando ainda.

Como o senhor avalia o funcionamento do MDL? Essa foi uma medida positiva do Protocolo de Kyoto?

Acho que funciona, mas há muita burocracia, que elimina em muitos casos a possibilidade de ►

envolvimento nesse mercado de pequenas empresas. E tem o problema de que, em muitos casos, o mercado sempre procura o projeto mais barato, que pode não ter muito efeito ambiental.

Mas o senhor acha que a invenção do MDL foi uma medida positiva para promover a redução das emissões?

É um exemplo de mecanismo de mercado utilizado para reduzir o impacto ambiental. Antes não havia nenhuma forma de expressar isso no mercado. Havia a necessidade de impor controle sobre as emissões sem nenhuma possibilidade de acertos entre atores. O MDL permitiu isso. É uma forma de os países desenvolvidos investirem dinheiro para a redução de emissões, pois é muito mais barato reduzir emissões em outro país. No final, eles abatem essa redução de suas metas do Protocolo de Kyoto.

O Protocolo prevê uma redução de 5,2% das emissões em relação aos níveis de 1990 para os países desenvolvidos. Isso é suficiente?

É um pingo no barril. As emissões não foram reduzidas por causa do Protocolo. Ao contrário, temos uma previsão de aumento. O prazo é no período de 2008 a 2012, e os projetos preparados para entrar nesse período não atendem nem aos 5,2% de redução previstos. Mas agora o assunto está sendo percebido politicamente como absolutamente essencial para todos os países. Pode ser que haja um esforço adicional. Mas será muito difícil para a maioria dos países cumprir o compromisso estabelecido no Protocolo. Os Estados Unidos nem entraram, talvez por terem percebido que não conseguiriam cumprir as metas. O país aumentou suas emissões de 1990 para cá em 30%, quando tinha que reduzir algo em torno de 10%. E os EUA respondem por 25% das emissões do planeta.

O que fazer então? O que vem depois de Kyoto?

O que vejo é uma determinação dos países que antigamente não faziam parte dos compromissos assumidos pelo Norte de entrar em algum tipo de acordo sobre reduções também. Mas, para se ter um acordo eficaz, países como China e Índia terão que assumir alguma coisa. A China

é o caso pior. O crescimento das emissões e do consumo de energia do país tem sido enorme. Ela já ultrapassou os Estados Unidos como maior emissor mundial. Porém, vale ressaltar que em termos de emissão *per capita* a da China é muito mais baixa que a dos Estados Unidos ou a de qualquer outro país do Norte. E a do Brasil é mais baixa ainda.

Como é que o Brasil se insere nesse contexto?

O Brasil é o quarto emissor mundial, se for incluído o desmatamento, algo que o país não quer que seja feito. Em termos de consumo de combustíveis fósseis, é bem mais baixo que o de qualquer outro país.

Mas o Brasil vai ser pressionado a adotar metas em uma renovação de Kyoto, que entraria em vigor depois de 2012. O que teremos que fazer?

O Brasil já fez uma proposta preliminar para reduzir o desmatamento, mas não dentro do quadro do mercado de carbono e também sem metas. O que vai ser insistido pelos demais países, provavelmente em reunião que acontecerá em Bali, em novembro, é que tenha algum tipo de acordo com respeito a desmatamento, que inclua metas e estabeleça um vínculo com o mercado. Colômbia e Chile, por exemplo, acabaram de encaminhar para a ONU esse tipo de proposta. O Brasil, na América Latina, é o único país que não está muito a fim de fazer esse tipo de coisa.

Como crescer economicamente sem agredir o meio ambiente e aumentar as emissões? Esta é uma questão crucial, principalmente para países em desenvolvimento, como o Brasil.

Acho que todo o mundo tem que perceber que o desmatamento na Amazônia é antieconômico. Ele não expande a economia brasileira, só traz prejuízo. Os fatores negativos associados com as perdas de floresta, os impactos no regime de chuvas e outros fatores que não estão no mercado, mas vão afetar, ou já afetaram, indiretamente a produtividade agrícola, vão ter que ser percebidos como tal. A vantagem de expandir a agricultura na fronteira da floresta é muito menor do que intensificá-la na margem. ■

Paraíso ao sul do equador

Nos Sete Povos das Missões, guaranis mantiveram parte da cultura graças aos jesuítas espanhóis

PETRA PATITUCCI



Além dos poucos resquícios arquitetônicos, a região dos Sete Povos das Missões guarda inúmeras histórias repetidas entre a população local

No século XVII, surgiram na região que hoje é o noroeste do Rio Grande do Sul, na divisa com a Argentina, povoados que apesar da turbulência da época conseguiram durante um certo tempo viver em perfeita harmonia, com uma produção diversificada e auto-suficiente. Construídos pelos índios da nação guarani e jesuítas espanhóis, os prédios erguidos na região dos Sete Povos das Missões não foram tão bem conservados no Brasil, restando deles apenas algumas ruínas. No entanto, a experiência deixou marcas nos habitantes da região, e por suas peculiaridades gerou histórias sem fim, ainda que seja um assunto pouco abordado pelos livros didáticos no restante do país.

A primeira área organizada pelos padres da Companhia de Jesus se originou em 1626, marcando o primeiro ciclo das reduções jesuíticas¹, que ficou conhecido como Tape – nome dado pelos padres àquela região, na zona do Rio Uruguai, e seus habitantes indígenas. Essas primeiras reduções foram destruídas pelos bandeirantes entre 1636 e 1640, quando então os índios receberam autorização do soberano espanhol para usar armas de fogo. E fizeram frente aos bandeirantes, no episódio conhecido como o Grande Combate Mbororé – nome ▶

TEXTO

BETE NOGUEIRA

¹**Reduções** – Pequenos povoados (*pueblos*) de índios que os padres jesuítas organizavam com o intuito de facilitar o processo de evangelização.

SAIBA MAIS

Livros

- *Reduções jesuíticas dos guaranis, de Moacir Flores*. Edi-Puc Rio Grande do Sul
- *Jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): um estudo comparativo*, de Beatriz V. Franzen. Editora da Unisinos
- Da mesma autora: *Jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai – novos estudos*
- *Conquista espiritual*, de Ruiz de Montoya. Editora Martins Livreiro
- *Missões, uma utopia política*, de Arno Kerne. Editora Mercado Aberto

Filmes

- *A missão*, de Roland Joffé (1986)
- *República guarani*, de Sylvio Back (1981)

de um riacho afluente da margem direita do Rio Uruguai, vindo do território argentino.

Apesar da gana dos bandeirantes, em 1641 os guaranis os fizeram recuar. Com isso, os padres levaram tudo o que sobrou das reduções para a área entre os rios Paraná e Uruguai – a chamada Mesopotâmia argentina –, deixando o Rio Grande do Sul por cerca de 40 anos. Em 1680, os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento, finalmente concretizando o sonho lusitano de levar as fronteiras até o Rio da Prata, onde havia imenso contrabando desse metal, trocado por escravos de Angola, revendido na província de Buenos Aires. Mas ainda havia muita água para correr no Sul: em função dessa presença, os espanhóis decidiram voltar às terras do Rio Grande. Pelo Tratado de Tordesilhas, as terras dali eram espanholas.

“O ciclo dos Sete Povos teve início em 1682, e o objetivo primordial era a evangelização”, ressalta Beatriz Vasconcelos Franzen, doutora em história e professora recém-aposentada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo (RS). As missões jesuíticas transformaram os índios em súditos da Coroa espanhola. Cada *pueblo* seguia o mesmo esquema: os padres trabalhavam com um grupo que variava entre mil e seis mil índios, administrados por caciques, e, acima destes, estavam os religiosos, cuidando do aconselhamento e da educação. E assim viveram e se desenvolveram as missões. A primeira redução que regressou foi a de São Borja. Em 1687, foram refundadas mais três: São Luís, São Miguel e São Nicolau. Em 1690, São Lourenço; sete anos depois, São João Batista, e, por fim, em 1706, Santo Ângelo Custódio.

Vai-e-volta – O período de esplendor durou até 1750, quando, pelo Tratado de Madri – que revogava o de Tordesilhas –, os *pueblos* foram obrigados novamente a migrar, gerando a revolta dos índios e dando origem à Guerra Guaranítica. Os portugueses queriam trocar os Sete Povos pela Colônia do Sacramento, mas os índios não aceitaram ter que mudar de novo para o outro lado. Entre 1754 e 1756, como os índios não possuíam unidade militar, foram massacrados pelos europeus. Na Batalha de Caiboaté (fevereiro de 1756), cerca de três mil soldados, entre portugueses e espanhóis, que tinham

de cumprir o acordo entre os países ibéricos, lutaram contra 1,2 mil índios e os trucidaram. As forças espanholas e portuguesas invadiram o pouco que sobrou, conseguindo desalojar os missioneiros.

Um novo tratado, o de El Pardo (1761), anulou o de Madri, e foi feita a destroca entre Sacramento e os Sete Povos. Mas nem assim a região conheceu a paz: em 1762, espanhóis de Buenos Aires invadiram Sacramento. “As terras eram dos guaranis, era natural que eles se revoltassem com essas mudanças decididas nas cortes européias”, explica a professora Beatriz Franzen, acrescentando que um ponto importante era o tipo de vida já desenvolvido nas Missões. Os índios tinham pavor dos portugueses por causa da violência com que eram tratados pelos bandeirantes, que destruíam suas aldeias e até os escravizavam.

A historiadora ainda ressalta os erros dos espanhóis, que recebiam impostos dos nativos e a cada tratado exigiam a desocupação imediata. “Os espanhóis ofereciam terras, mas isso não bastava. Era preciso começar do zero: preparar as terras, semear, dar tempo para a colheita e garantir a alimentação do grupo”, comenta. E os jesuítas ficaram do lado dos índios até certo ponto, já que na Europa a ordem religiosa tinha interesses políticos. Tanto que havia orientação de fora sobre a forma de agir na hora da retirada, ainda que os padres estabelecidos aqui soubessem do grande erro cometido: a região dos Sete Povos era das mais ricas em termos de produção agrícola. O Rio Grande do Sul foi finalmente incorporado ao Reino de Portugal em 1801.

Dia-a-dia – As reduções espanholas foram unidades auto-suficientes que mantiveram o espírito da organização dos índios, que não tinham preocupação econômica: tudo era de todos. Em compensação, não estavam acostumados a planejar para garantir o futuro. Por isso, os jesuítas impuseram a cultura deles, organizando os povoados ao modo europeu, dentro de um mundo cristão. Assim, organizavam a produção para que em nenhuma época ficassem desprovidos, e os padres não admitiam a presença de brancos, negros ou índios que não fossem da região, ao contrário dos religiosos portugueses, que nunca separaram o aldeamento do povoado

branco, onde os índios não eram senhores da terra: trabalhavam para os colonos.

E criou-se uma sociedade bem diferente das de outros lugares: os índios usavam roupas, sabiam ler e escrever, as meninas aprendiam prendas domésticas, como qualquer jovem branca da época. E como tinham um senso musical muito apurado, isso foi usado para o ensino religioso. Além da roça e da religião, os indígenas aprenderam de tudo um pouco: técnicas de construção europeia para igrejas, residências e oficinas; como lavar pedras, esculpir em madeira, pintar e fundir metais, criando uma gama única de peças de artesanato e de esculturas. “Os índios geralmente copiavam imagens, mas às vezes usavam a criatividade e imprimiam feições indígenas em peças sacras”, diz a professora.



São Miguel é onde mais se preserva a arquitetura dos Sete Povos das Missões no Brasil

Mitos – A experiência diferente desse povo mexeu com a imaginação do brasileiro ao longo dos séculos, favorecendo o surgimento de mitos que nada têm de real. Um deles diz respeito à autoridade. Ao contrário do que muitos acreditam, essas reduções não tinham nenhuma facilidade com relação à Espanha. “A Coroa era muito controladora. Até a designação dos padres passava pelo Conselho das Índias². Em relação à Companhia de Jesus em Roma, é relativo. Nem sempre as ordens da Igreja eram efetivamente seguidas, porque não correspondiam às necessidades reais. Além do provincial, havia superiores dos colégios, das missões, e, em cada missão, dois padres, para que um fiscalizasse o outro”, comenta Beatriz.

Outro mito é o de que, após as missões estabelecidas, a grande riqueza da região seria a prata. Na verdade, foi a produção agrícola – ervamate, milho, mandioca, amendoim, batata –, além do gado de corte, o que chamou a atenção dos portugueses. O gado foi introduzido pelos jesuítas, por volta de 1634, para necessidades das reduções. Quando foram para o outro lado do rio, os animais ficaram soltos na campanha e se reproduziram, dando origem ao gado chimarrão. As terras a oeste da Lagoa-Mirim, sudeste do Rio Grande do Sul e nordeste do

Uruguai chegaram a reunir aproximadamente 200 mil cabeças de gado. Durante o primeiro período português na região, o gado foi roubado para a comercialização de couro e graxa. Quando os padres regressaram, em 1682, os portugueses haviam acabado com todo o gado em São Borja.

Vestígios – O padre Ruiz de Montoya sistematizou a língua indígena, reunindo seu trabalho na publicação *Tesouro da língua guarani*. Os religiosos criaram vasta obra literária na “nova” língua, principalmente o que facilitasse o entendimento dos ensinamentos cristãos. As ruínas de São Miguel são as que mais resistiram ao tempo: catedral, restos do antigo colégio, cemitério e praça – aspecto fundamental da redução, eixo de onde se distribuía todo o sistema urbano do povoado. O legado humano é marcante, principalmente no nordeste do estado, com um tipo físico característico de gaúcho, e há reservas indígenas nas proximidades.

Além do Brasil, Argentina e Paraguai tiveram reduções. O Paraguai foi o país que mais preservou arquitetura, esculturas e outros traços daquela cultura, inclusive mantendo o guarani como língua oficial, juntamente com o espanhol. No geral, sete milhões de pessoas falam hoje o guarani, que recebeu o *status* de língua histórica (1995) e língua oficial (2007) do Mercosul (Mercado Comum do Sul). ■

²**Conselho das Índias** – Era um importante órgão da administração colonial espanhola para a América e as Filipinas, auxiliando o rei nas funções executiva, legislativa e judiciária.

Cidade de muitas paisagens

Nova temporada de *Aventuras cariocas* faz um passeio pela história e geografia do Rio de Janeiro

TEXTO Cidade rica em história, cultura e belezas naturais, o Rio de Janeiro pode ser visto por diferentes ângulos. Antiga capital do Império Português e da República, seus bairros escondem fatos marcantes e lugares belíssimos que contam como viveram nossos antepassados. Quem quiser conhecer a Cidade Maravilhosa a fundo pode embarcar nas *Aventuras cariocas*, série produzida pela MULTIRIO cuja segunda temporada teve pré-estreia no dia 27 de agosto. As páginas da revista NÓS DA ESCOLA também retratam o que foi e o que é hoje o Rio nas seções *Foi assim* e *Carioca*. E, para completar esta jornada, diversos eventos estão sendo realizados pela Prefeitura do Rio neste ano e no próximo para comemorar o bicentenário da chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro.

CAROLINA BESSA
FOTOS
ALBERTO JACOB FILHO

Nesta segunda etapa, *Aventuras cariocas* tem a proposta de abordar aspectos geográficos e históricos do Rio. Serão exibidos seis episódios em que os personagens percorrerão bairros da cidade, trazendo à luz conhecimentos de relevo, clima, vegetação, cultura, transporte e também história desses lugares. O assessor de criação e projetos da MULTIRIO, Luiz Eduardo Ricón, considera a série bem completa, por ser

multidisciplinar, ou seja, tratar do conteúdo de diversos campos de conhecimento ao mesmo tempo.

De acordo com Marcos Ozório, diretor de Mídia e Educação (DME) da produtora de mídias da Prefeitura e idealizador de *Aventuras*, a série é ousada, porque consegue ser um programa de conteúdo sem ser sisudo. "Ele consegue ser denso e ao mesmo tempo trazer uma leveza. É ágil, interessante e sincronizado com a faixa etária a que é destinado", explica Ozório, que considera o programa ideal para alunos de 8 a 14 anos. Ao mesmo tempo em que mostra a transformação da paisagem pela ocupação humana, a interferência de algumas construções na geografia da cidade, também consegue discutir, por exemplo, aspectos físicos desses lugares, como falar do Rio Maracanã ou informar o que é inversão térmica.

Segundo Ozório, a cartografia é algo que foi valorizado nesta segunda edição. A história será contada por cinco crianças e adolescentes acompanhados de um adulto, que vão narrar em *off* a experiência que tiveram nos lugares por onde passaram. Em todos os episódios, haverá um mapa que será apresentado ao telespectador

para localizá-lo e mostrar onde os aventureiros da série estiveram. Tanto na primeira quanto na segunda fase do programa, Ozório diz acreditar que os conteúdos curriculares conseguem ser passados de maneira suave e instigante.

O primeiro episódio será um passeio da Urca ao Centro via Aterro do Flamengo; no segundo, os personagens percorrerão o bairro da Tijuca até chegar a São Cristóvão via Maracanã; posteriormente irão do Cosme Velho à Rocinha por Copacabana; depois, do Centro a Madureira via Central do Brasil; de Jacarepaguá à Prainha pela Barra da Tijuca; e, por fim, de Guaratiba a Santa Cruz, passando por Campo Grande. O diretor de Mídia e Educação (DME) lembra que cada programa terá uma abordagem diferente, sendo alguns mais ligados à história, outros, ao meio ambiente e a questões geográficas. “Outro ponto interessante é que, para fazer o trajeto, os personagens vão usar meios de transporte diferentes. Podem ir de trem, ônibus, bicicleta ou táxi”, ressalta Ozório.

Uma das maiores preocupações da série é trazer informações precisas e minuciosas. Para isso, a equipe da Gerência de Pesquisa e Documentação (GPD) da MULTIRIO entrou em campo para dar suporte na fase de pré-produção e até auxiliou na escolha das locações mais adequadas à proposta do programa. O pesquisador Fernando Madeu visitou a Saara, no Centro, e se deparou com personagens de diferentes origens, como árabes e judeus. “Procuramos pesquisar os povos, as transformações do espaço, e aí entra a questão das manifestações culturais”, ressalta Madeu. Para a pesquisadora Isabel Junqueira, sempre que o trabalho interno não era suficiente, os pesquisadores iam atrás de outras fontes em locais como a Biblioteca Nacional e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional.

Na revista NÓS DA ESCOLA, o trabalho também tem sido feito com o intuito de apresentar ao professor um pouco do que a cidade tem a oferecer e contar seu passado. Em diversas edições, foram apresentados lugares de algum interesse cultural, que podem ser visitados com alunos, na seção *Carioca*, além de ter sido trazida uma bonita viagem ao tempo, na seção *Foi assim*. Já se contou um pouco da história dos fortes do Rio, como os do Leme e de Copacabana, na revista 50, e se lembraram espaços que

hoje estão desativados, como o Cassino da Urca e a Fábrica Bangu, nas edições 44 e 32, respectivamente.

A estação da Central do Brasil, que foi construída e inaugurada por D. Pedro II, também está estampada na revista (número 50), assim como o Jardim Botânico (número 46), projetado há quase 200 anos pelo então príncipe regente D. João para aclimatar as especiarias que vinham das Índias Orientais. Primeiro foi chamado de Jardim da Aclimação, depois batizado de Real Horto e, finalmente, Jardim Botânico.

Aliás, foi a chegada de D. João VI e da Família Real que trouxe uma vida nova para a cidade, com a criação de lugares freqüentados pela corte. A antiga Igreja da Sé, no Centro, agora restaurada para as comemorações do bicentenário, será reinaugurada em março de 2008 com um espetáculo de som e luz. O Museu Nacional de Belas Artes também vai trazer uma importante exposição sobre a época, com as pinturas de Nicolas Antoine Taunay, em maio do próximo ano. ■

A pista Cláudio Coutinho, na Urca, foi um dos cenários utilizados para a gravação da nova temporada do *Aventuras cariocas*



A capacidade infinita da rede

Atualizado semanalmente, Portal MULTIRIO dá acesso a conteúdos de interesse do professor

TEXTO

ELIANE BARDANACHVILI,

EDITORA DO PORTAL MULTIRIO

ILUSTRAÇÕES

REPRODUÇÕES

DO PORTAL MULTIRIO

Saber como funciona uma orquestra, ouvindo seus instrumentos e aprendendo sobre eles; acompanhar como se dá o fenômeno do aquecimento global; navegar por uma galeria que reúne todos os presidentes do Brasil com suas respectivas histórias; conhecer os animais silvestres do Rio de Janeiro por meio de um jogo de cartas que pode ser impresso quantas vezes se desejar...

Essas e outras ações estão ao alcance de qualquer internauta que visita e frequenta o Portal MULTIRIO. Na área NÓS DA ESCOLA do Portal, marcada pela cor amarela, estão reunidos conteúdos de interesse do professor e relatos de experiências desenvolvidas nas escolas da Prefeitura do Rio. Sempre que possível, esses temas são apresentados de forma a explorar todos os recursos do meio web, tais como áudios, vídeos, fotos e conteúdos interativos. Ciências, artes, música, leitura e escrita, história, são muitas as áreas contempladas.

O Portal MULTIRIO é atualizado com pelo menos um novo conteúdo semanalmente. Assim, o que está em destaque na página inicial em uma semana pode já não estar mais na seguinte. Isso não quer dizer que se perdeu o acesso a esse conteúdo. A capacidade da web é infinita.

Assim, tudo o que vem sendo produzido no Portal MULTIRIO desde 2002 pode ser acessado a qualquer momento, por meio do mecanismo de busca. Para isso, basta digitar no campo apropriado uma palavra ou expressão relativa ao tema que se deseja pesquisar.

Buscando também apresentar a MULTIRIO e suas realizações, o Portal dá acesso a informações sobre outras produções da empresa. A programação completa da MULTIRIO exibida na TV (área azul) pode ser acessada por programa, por dia ou por mês, em calendários navegáveis. É possível, ainda, ter acesso a trechos dos programas, bem como aos trailers de animações produzidas pela MULTIRIO, como as do projeto *Juro que vi* (área rosa). O professor pode também acessar os sites do Centro Internacional de Referência em Mídias para Crianças e Adolescentes (Rio Mídia) e do programa *Século XXI*, além de baixar para seu computador a coleção completa da revista NÓS DA ESCOLA e outras publicações impressas (área roxa).

Enfim, o Portal MULTIRIO convida o professor para se tornar um internauta, à medida que procura em cada uma das áreas aquilo que lhe interessa. O endereço é www.multirio.rj.gov.br. ■



Os temas são apresentados de forma a explorar todos os recursos do meio web, tais como áudios, vídeos, fotos e conteúdos interativos

Saber para melhor preservar

Projeto da Secretaria de Patrimônio concilia restauração com ações educativas para professores

Para chegar com tudo em cima às comemorações dos 200 anos da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, alguns monumentos históricos do Rio de Janeiro vêm passando por obras de restauração. Mas não são só sua aparência e conservação que estão mudando para melhor. Graças a um programa desenvolvido pela Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural da Cidade do Rio de Janeiro (SEDREPAHC), professores e alunos da Rede Municipal já podem ver com outros olhos edifícios que sempre estiveram ali, na paisagem carioca, mas não integravam verdadeiramente seu dia-a-dia. Em paralelo às obras de restauração, acontecem ações educativas com professores e alunos. “É aquela velha máxima: a gente só preserva o que conhece. O objetivo do programa é dividir com os professores o conhecimento sobre este patrimônio carioca, para que eles possam multiplicá-lo entre os alunos”, explica o secretário André Luiz Meuser Zambelli.

As primeiras atividades aconteceram na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, antiga Sé, na Praça XV, transformada em Catedral e Capela Real por D. João VI quando chegou ao Rio de Janeiro. Em maio deste ano, mais de 300 professores participaram de um curso de atualização e agora realizam com seus alunos visitas guiadas ao canteiro de obras da restauração. Já no Palacete Princesa Isabel, em Santa Cruz, aconteceu o seminário “Nas terras de Santa Cruz: arqueologia, história e restauração”, com a participação de 130 docentes. O secretário André Luiz explica que o convite é feito às Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) da região em que se encontram os monumentos.

Os professores inscritos assistem a palestras de historiadores e arquitetos, além de acompanhar de perto o trabalho de diversos especialistas em restauração, como os entalhadores responsáveis pela recuperação das talhas em madeira da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Morro da Glória. “É muito impactante entrar em uma igreja e dar de cara com toda aquela grandeza já pronta. Mas saber como tudo aquilo foi feito dá outra dimensão. No caso dos entalhadores, eles explicam o trabalho e mostram o tipo de madeira utilizada nas obras”, conta o

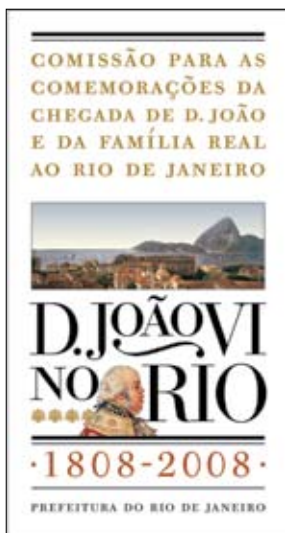
secretário. O Salão Paroquial do Outeiro serviu de cenário para um seminário que reuniu cem professores e mostrou detalhes da restauração dos ornamentos de madeira dos altares, do coro e das tribunas.

As próximas ações devem acontecer no Convento de Santa Teresa, onde as obras de restauração já estão em curso. Até o ano que vem, quando serão celebrados os 200 anos da chegada da Família Real, ainda passarão pelo programa a Ponte dos Jesuítas e a sede do antigo matadouro de Santa Cruz, na Zona Oeste, e o monumento pelo centenário da

abertura dos portos, construído em 1908, na Glória. Terminada a agenda do período joanino, a intenção é que o programa tenha seqüência. André Zambelli lembra que envolver professores e alunos na conservação do patrimônio histórico é recomendação internacional na área. “O projeto D. João tem duração finita, mas essa idéia permanece como política de patrimônio cultural. Se conseguirmos fazer com que os alunos se orgulhem do patrimônio da cidade, eles serão os primeiros a querer deixá-lo como legado para as gerações futuras”, diz acreditar André. ■

TEXTO

RENATA PETROCELLI



NÓS DA ESCOLA prossegue a publicação do sumário de suas edições a partir da revista nº 25.



Revista nº 25

Ano 3/2005

Ponto e contraponto – Popular por excelência. Mariza Tavares (CBN)

Atualidade #1 – Pioneiro do ensino público. Anísio Teixeira

Atualidade #2 – Biental vai homenagear a França

Pé na estrada – Integração total na Maré (E. M. Clotilde Guimarães)

Artigo – Professor tem medo de computador? João Alegria (MULTIRIO)

Zoom – Onde você sintoniza?

Matéria de capa – A vez das comunitárias

Box – Bate-papo com Ismar de Oliveira Soares (USP)

Artigo – Rádio, mídia local em transformação. Sonia Virginia Moreira (Uerj)

Carioca – Um caleidoscópio coreográfico

Professor on-line – Monte sua rádio escolar

Olho mágico #1 – Interação com todas as unidades – 9ª CRE

Olho mágico #2 – A distância da 10ª CRE

Rede fala – Escola e alfabetização. Jacqueline Luzia da Silva (E. M. Professor Paulo Freire)

Cartaz – Bicentenário de Hans Christian Andersen

Giramundo – 5 ao dia (alimentação)



Revista nº 26

Ano 3/2005

Ponto e contraponto – Escritos da cidade. Nilma Lacerda (UFRJ)

Atualidade – Formação continuada na Biental do Rio

Pé na estrada – Projeto investe em alunos autores (E.

M. México)

Zoom – A física do dia-a-dia

Matéria de capa – Literatura e formação de leitores

Artigo #1 – Ler um livro é melhor que ver TV? João Alegria (MULTIRIO)

Artigo #2 – Por que crianças e adolescentes devem ler literatura? Cristina Monteiro de Castro Pereira (Uerj)

Carioca – Arte Cidadã. Museu de Limpeza Urbana

Professor on-line – Prefeitura investe em qualidade de vida

Caleidoscópio – Abrindo o verbo

Olho mágico – MULTIRIO inova na programação

Rede fala – Estratégias de leitura e sua contribuição para a aprendizagem. Palmyra Baroni Nunes (E. M. Rubens Berardo)

Cartaz – 2005 – Ano Internacional da Física

Giramundo – Trabalho diversificado



Revista nº 27

Ano 3/2005

Ponto e contraponto – Semente de cidadania. Hélio Mattar (Akatu)

Atualidade – Debate em torno do velho Chico. Projeto de Transposição do Rio São Francisco.

Pé na estrada – Grupo de estudos on-line (9ª e 10ª CREs)

Zoom – “Nossos comerciais, por favor!”

Matéria de capa – Sonho de consumo: um mundo transformável

Artigo – O desejo e o consumo. Rita Ribes (PUC – Rio)

Carioca – Pólo de cidadania e educação

Professor on-line – Prefeitura tem licença especial automatizada

Caleidoscópio – Memórias cariocas

Olho mágico – Hora de produzir

Rede fala – Variação lingüística e textos escolares. Ângela Marina B. Dos Santos (E. M. Joaquim da Silva Gomes)

Cartaz – Jogo Ladeira acima, ladeira abaixo

Giramundo – Regras do jogo Ladeira acima, ladeira abaixo



Revista nº 28

Ano 3/2005

Ponto e contraponto

– Mundo mágico da irrealidade e da técnica. Antônio Moreno (UFF)

Atualidade – Mais próximo das galáxias

Pé na estrada – Comer, comer... frutas, legumes e verduras (E. M. Joaquim da Silva Gomes)

Zoom – Heróis ou vilões?

Matéria de capa – Sonhos em movimento. Desenhos animados

Artigo – Coisa de criança. Humberto Avelar (MULTIRIO)

Carioca – História restaurada no Centro

Professor on-line – Centro Arquivístico on-line

Olho mágico – Inscrição aberta para III Mostra Trocando Idéias com o Século XXI

Caleidoscópio – Cidade das crianças

Rede fala – O Tempo da escola. Wanderley da Silva

Cartaz – Calendário 2005 (jul.-dez.)

Giramundo – Ambiente acessível



Revista nº 29

Ano 3/2005

Ponto e contraponto

– Por um documentário mais “inútil”. João Salles (cineasta)

Atualidade – Uma década on-line

Pé na estrada – Juventude em pauta nos núcleos de adolescentes

Zoom – Temas variados, gostos diversificados

Matéria de capa – As “coisas simples” da vida. Documentário

Artigo – Documentários na escola. Rosália Duarte (PUC- Rio)

Carioca – Espaço de sonhos

Professor on-line – Curiosidades cariocas

Olho mágico – Lobato e Andersen inspiram concurso de argumentos

Caleidoscópio – Princípios educativos e núcleos conceituais

Rede fala – CEC: Espaço de Participação Política e Valorização da Cidadania. Daniela

da Silva Lima (Peja, 4ª CRE)

Cartaz – Diariamente... carinho e confiança

Giramundo – Linguagem fotográfica



Revista nº 30

Ano 3/2005

Ponto e contraponto

– Uma visão dedicada à inclusão digital. Seymour Papert (Instituto de Tecnologia de Massachusetts)

Zoom – A polêmica em torno dos games

Carioca – Passeio pela arte popular brasileira

Século XXI – Uma revolução que se anuncia. Biotecnologia

Pan 2007 – Versão continental das olimpíadas

Parceria – Cidade das árvores

Professor on-line – Em defesa da criança e do jovem

Olho mágico – Maior e com novas seções. Revista NÓS DA ESCOLA

Caleidoscópio – Multieducação – temas em debate: educação infantil

Rede fala – Cultura popular urbana e educação: o que a escola tem a ver com isso? Carlos Henrique dos Santos Martins (E. M. Charles Anderson Weaver)

Matéria de capa – Jogo eletrônico: “nem bom nem mau nem neutro”

Artigo – Games, mídia e educação – o que está em jogo? Luiz Eduardo Ricon (MULTIRIO)

Presente do futuro – ‘Bullying’ – da brincadeira ao constrangimento

Atualidade – Pioneirismo em prol da educação pública de qualidade. 10 anos MULTIRIO

Pé na estrada #1 – Alunos-monitores na Zona Oeste – 7ª CRE

Pé na estrada #2 – Personagens em construção (E. M. Professor Affonso Várzea)

Pé na estrada #3 – Integração pela arte (E. M. México)

Foi assim – Entre a águia, a tradição e a coroa. Mercadão de Madureira

Perfil – Dra. Nise e a emoção de lidar

Cartaz – Capas das revistas NÓS DA ESCOLA (1 a 30)

Giramundo – História em quadrinhos ■

Uma prática de sucesso

*“Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião,
O mundo rodou num instante
Nas voltas do meu coração”
Chico Buarque*

A roda que roda no olhar atento, no movimento do sonho, do imaginário, da fantasia e da sensibilidade busca um espaço único de fomentar o prazer de ler. Chamamos de roda de leitura o momento mágico e privilegiado, no espaço escolar, em que professores e alunos envolvem-se com idéias e palavras, com imagens e emoções, com saberes e trocas, que encantam e provocam novas possibilidades de aprender.

A preocupação com a formação de leitores vem sendo alvo de políticas públicas e foco do setor privado. Cada vez mais, os projetos de fomento à leitura movimentam a sociedade civil, considerando que ler é ampliar conhecimentos e garantir a todos o direito aos bens culturais produzidos pela humanidade ao longo de sua trajetória.

Muito se tem falado sobre a roda de leitura, mas alguns pontos são sempre importantes de serem lembrados. Seduzir crianças e jovens para a leitura significa rejeitar todos os artifícios que a tornem uma obrigação, transformando-a em dever de casa ou matéria de prova. Os textos, em suas diferentes linguagens, usados na roda de leitura afastam-se do enfoque didático, na medida em que a sedução não combina com a obrigação de produzir textos escolarizados e artificiais, muito menos o de interpretar o texto e dar respostas previamente estabelecidas pelo professor. O livro na roda de leitura *“...coloca-se ao lado do leitor no seu direito de experimentar o mundo. Leitura é um ato de troca entre indivíduo e o livro. É um ato também de intimidade (introspecção) e de liberação, é um procedimento de formação informal, que não pode estar sujeito à cobranças”* (Aguiar:2002).

A prática de muitos professores no trabalho diário com a roda de leitura traz relatos significativos de mudança de comportamento, de ampliação de idéias, na relação direta da linguagem oral e escrita, contaminando colegas e familiares. A formação de leitores atentos e

críticos passa pela escola e se mostra mais eficiente quando o professor que dinamiza essa atividade é também um leitor cativante e interessado.

Compreende-se a necessidade do uso de textos escritos na dinâmica de determinadas atividades que têm como objetivo focalizar aspectos da língua portuguesa, mas o que se pontua é que esse material não seja o utilizado na roda de leitura. As atividades específicas com as nuances da língua devem ser trabalhadas em outros momentos com a ajuda de outros textos.

Percebendo a sala de aula como um espaço privilegiado para o exercício da convivência solidária e participativa, sugere-se que a dinâmica da roda de leitura seja discutida com os alunos e que todos possam colaborar no seu planejamento, escolhendo o material a ser usado, determinando o horário dessa rotina, organizando o espaço e buscando possibilidades, numa grande interação em que todas as vozes sejam ouvidas e em que todos os desejos sejam atendidos.

Na escola, espaço constituído pela diversidade, as diferentes tipologias textuais trazem em seu bojo diversas possibilidades de atrair a atenção, provocar a emoção, alavancar a roda de conversa que se fundamenta na livre expressão, refletindo os diferentes conhecimentos de alunos e professores. Com tantas possibilidades, os livros que focalizam a linguagem imagética provocam nos leitores, sobretudo nas crianças que ainda não se apropriaram da língua escrita, o desenvolvimento e a aprendizagem de símbolos que auxiliam na constituição do código lingüístico, despertando o desejo de serem leitores autônomos, sobre a base libertária do que ler, como ler e quando ler.

A produção cultural da espécie humana, ao longo de sua história, tem na escola o grande difusor dos conhecimentos desenvolvidos e a literatura constitui um eixo consistente da evolução da escrita. A sala de leitura é, na escola, o espaço físico que encanta e em que todos sentem prazer em estar. Sempre que possível, o professor e seus alunos devem nesse espaço realizar a roda de leitura. A arrumação da sala de leitura permite que alunos e alunas



Regina Barros

Professora da equipe da
Divisão de Educação da
3ª CRE

troquem idéias com colegas e professores sobre a história lida, sobre os personagens e sobre a escrita do autor da história, assim como permite a reflexão sobre o eixo central do texto, articulando-o com as memórias, experiências e expectativas de cada um. Nesse contexto, o professor e seus alunos ampliam o alcance da leitura.

É importante ressaltar que o professor precisa ler com frequência para os alunos, pois, sendo no grupo o leitor mais experiente e competente, saberá, utilizando as pausas, a entonação e a fluência, criar situações de enredamento e modelo de leitor. É imprescindível que os textos escolhidos tenham qualidade e que, mesmo numa turma de crianças pequenas, esse cuidado seja o foco de atenção do leitor mais experiente, o professor.

Não se desenvolve o desejo de ler com escritas mediocres e sem consistência literária,

não se desenvolve o desejo de ser um leitor autônomo sem oferecer diferentes possibilidades de escolha entre tantos gêneros literários e, principalmente, não se desenvolve o desejo de ler se o momento da leitura não tiver como referência a emoção, a sensibilidade, o prazer de deixar fluir a imaginação e a magia do ato de ler. Uma escola cidadã é aquela que observa o tempo e o espaço em suas atividades, provoca e amplia as diferentes possibilidades de aprender, considerando cada sujeito autor e constituidor de conhecimentos, respeitando a singularidade e o coletivo em suas diferentes vozes.

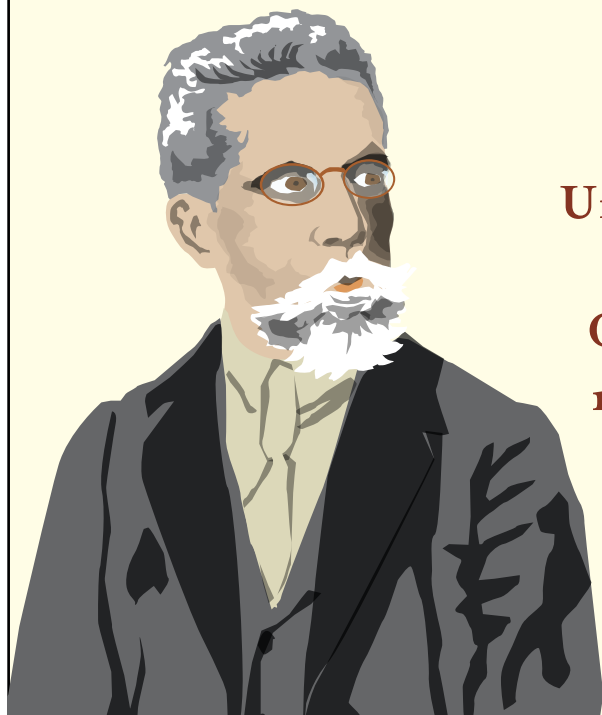
O sucesso pedagógico da roda de leitura é uma verdade em muitas salas de aula, sobretudo quando se acredita que uma criança curiosa, interessada e seduzida pelo prazer de ler torna-se um adulto com ferramentas capazes de interferir, participar e transformar o mundo. ■

Referência bibliográfica

AGUIAR, Luiz Antonio. *Leitura não é tortura*. São Paulo: Paulus, 2002.

2º Concurso de Argumentos

SME/ MULTIRIO/RIO MÍDIA



Um convite à sua imaginação!

Crie a sua história inspirada
na obra de Machado de Assis

Veja o regulamento no site
www.multirio.rj.gov.br

O diálogo como prioridade

Comissão de professores da SME funciona como fórum de debates sobre assuntos pedagógicos

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Servir como elo entre os professores da Rede Pública Municipal de Ensino e o núcleo central. Este é o papel da comissão de professores da SME, que tem um representante de cada Divisão de Educação no acompanhamento do trabalho. Formada por dez professores de cada CRE – totalizando cem representantes, fora os suplentes –, a comissão é ligada ao Departamento Geral de Educação (DGED) e é um fórum de discussão sobre as principais questões que envolvem a prática pedagógica da Rede. Os membros são eleitos por seus pares, e os encontros, que acontecem em média a cada dois meses, são pautados por uma reflexão de temas debatidos nas escolas.

Os professores da comissão entendem que esse é um espaço de valorização profissional, ao representarem seus pares e compartilharem encaminhamentos quanto às questões educacionais da Rede. “Na comissão, discutimos assuntos pedagógicos, refletimos neles e devolvemos essa discussão para a Rede. Também fazemos uma pesquisa de campo para saber a opinião dos outros colegas e, assim, refletimos nas questões apresentadas. Buscamos sempre dar um retorno para as escolas e para a SME em relação ao que discutimos”, explica Anne Patrícia Pimentel, representante da 4ª CRE.

A SME tem como um dos eixos a valorização da representatividade. Nessa perspectiva, a comissão, que tem um caráter consultivo, estabelece uma relação de diálogo entre o DGED e os professores. “É, verdadeiramente, uma ponte entre o que se passa no campo – o que nós professores queremos, quais são nossas dificuldades – e o DGED, que pode, então, propor soluções para as questões levantadas”, acrescenta Maria José Falex, da 2ª CRE.

A comissão surgiu na época da implantação do 1º ciclo de formação, em 2000. O objetivo era envolver um maior número de professores na discussão sobre a mudança de paradigma proposta e, também, difundir informações para os docentes. Com a ampliação

do ciclo, os representantes estão discutindo a reorganização da escola com vistas a atender às necessidades educacionais dos alunos, como a criação dos Centros de Estudos para os Alunos (Cests), dos Centros de Estudos para o Professor (CEs), do reagrupamento flexível, da recuperação paralela e o processo de avaliação. São temas debatidos pelos representantes da comissão nos espaços de formação com a utilização de opiniões de campo, o que contribui para o esclarecimento e encaminhamento das ações desenvolvidas nas escolas.

Benefício do diálogo – Os professores da comissão lembram que, na época da implantação do 1º ciclo, houve resistência. “Havia muito desconhecimento. A comissão teve papel importante para levar as informações aos colegas. Levou algum tempo para que se entendesse qual era a proposta de ciclos. Isso foi feito na época por meio de várias atualizações. As pessoas ficaram realmente interessadas, e pudemos discutir vários aspectos do ciclo. Foi muito benéfico para todos e ajudou muito na sua implantação. Agora vemos situação semelhante com os professores do 2º e 3º ciclos. Por isso, estamos trabalhando para acabar com esse mistério. É um trabalho lento, mas está sendo feito”, comenta Patrícia de Oliveira Simões, da 9ª CRE.

Cláudia Maciel Lima, da 8ª CRE, ressalta que há alguma resistência por parte dos responsáveis também, porque ainda não tiveram tempo de entender como funciona o ciclo de formação e qual o seu objetivo. “Nós da comissão estamos fazendo reuniões com os responsáveis para que fiquem a par das mudanças e possam estar bem informados”, afirma.

Os membros da comissão enfatizam que o ciclo favorece a aprendizagem e o desenvolvimento de cada aluno. “As atividades que eu tenho de criar na minha sala de aula são voltadas

para que o aluno consiga alcançar os objetivos propostos e se apropriar do conhecimento. O ciclo de formação resgata essa função social da escola. É uma concepção diferente. Se você entender o papel da escola como lugar de apropriação do conhecimento, você transforma a prática pedagógica, justamente objetivando a aprendizagem do aluno. Muda a concepção de ensino, não só a nomenclatura”, diz Anne Patrícia.

Solange Pereira Manhães, da 3ª CRE, acrescenta que a resistência entre os professores vem diminuindo à medida que o professor muda o olhar em relação a seus alunos. “Aquele visão engessada de que só se pode avaliar o aluno de forma escrita, que evidencia erros e acertos, não tem mais espaço na escola organizada em ciclos. Temos que observar o desenvolvimento do aluno em um processo contínuo, diário, e não só por uma prova. Ele vai demonstrar que sabe no seu cotidiano”, avalia. Lilyane Fonseca de Moraes, da 6ª CRE, completa: “O professor precisa ter a mente aberta para aprender a trabalhar com os ciclos. Não se pode dizer que não se gosta de algo sem ter experimentado primeiro.”

Esclarecer e desmistificar – Os representantes destacam, ainda, que as discussões acontecidas entre a comissão e o corpo docente vêm sendo muito positivas para elucidar dúvidas e desmistificar pontos relativos à ampliação do ciclo para todo o Ensino Fundamental. Este ano, inicialmente, foram esclarecidas dúvidas que surgiram sobre Cest, CE e reagrupamento flexível, a partir de pesquisa feita pela comissão sobre esses temas. Com a coleta de dados realizada nas unidades escolares, a comissão elaborou um documento-síntese sobre cada tema. Esse material será divulgado e servirá de base para novas produções sobre esses assuntos.

As questões abordadas no âmbito da comissão são discutidas, principalmente, nos Centros de Estudos das escolas. “No caso do reagrupamento, que é uma realidade mais presente, nós nos reunimos na escola e discutimos tudo o que é possível fazer para que ele aconteça, que caminhos devemos tomar, que professores estarão envolvidos, como será o planejamento, se montaremos um projeto, quem



fica responsável pela execução de cada atividade”, destaca Andréia Mota, representante da 1ª CRE. Ela diz acreditar que, por ser um trabalho que só ocorre a partir do envolvimento coletivo, o reagrupamento flexível exige uma discussão que conte com a participação de todos os professores.

Agora, diz Andréia, a Rede vive um outro momento: “Os Centros de Estudos nos apontam o que está dando certo, o que não está e o que poderia ser feito. Há uma troca intensa. A comissão coleta as informações do campo e traz para o DGED, de modo que tenham uma luz sobre como a discussão está caminhando na prática.”

Outro fato ressaltado pelos representantes é que eles estão em constante atualização. “Na comissão, temos acesso a muita informação por meio de livros e textos selecionados e fazemos esse material chegar ao campo. O fato de estarmos estudando e repassando informações para o nosso pólo é muito importante, pois permite uma troca de conhecimento e uma reflexão sobre o fazer pedagógico. Poder fazer isso com nossos pares é de crucial importância”, analisa Marlene Ribeiro de Souza, da 10ª CRE. ■

Ações em nome da

Como organizar o espaço da sala de aula para atender às necessidades

Uma escola inclusiva é aquela que busca respostas educativas adequadas às necessidades educacionais de seus alunos de modo a atender à diversidade. O espaço escolar precisa ser organizado para que ações intencionalmente propostas pelos professores sejam desenvolvidas de modo que todos os alunos se apropriem e ampliem os conhecimentos e valores produzidos historicamente pela sociedade.

Na revista anterior, discutimos algumas propostas de trabalho, como a recuperação paralela, a monitoria e o trabalho diversificado.

Uma outra estratégia que também leva em conta as necessidades educacionais dos alunos e a diversidade da sala de aula é o Centro de Estudos do Aluno (CEST). No CEST, o professor, que pode ser de qualquer área de conhecimento, “ensina” ao aluno como estudar. São propostas atividades de estudo que o auxiliam no processo de constituição de conceitos e no desenvolvimento de habilidades como observação, reflexão, síntese, organização, comparação, registro, relato etc. A pesquisa, uma das atividades de estudo, precisa ser orientada, ensinada pelo professor. Por exemplo, uma pesquisa na internet deve seguir alguns passos: Qual o caminho a seguir? O que o aluno deve observar em relação ao site? A informação será verdadeira? Após achar a informação, não basta imprimi-la, é preciso trabalhá-la, produzir resumos, sinopses, quadros, cartazes, murais etc., de modo a sistematizar conhecimentos.

diversidade II

educacionais dos alunos

Enfim, o professor vai, com o aluno, organizar processos de estudo. Outras atividades, como síntese, fichamento, análise e confecção de quadros estatísticos e mapas, são fundamentais no processo de formação dos alunos.

O CEST é realizado somente com os alunos das turmas do período final do 2º Ciclo e do 3º Ciclo de Formação. Cada professor deve planejar os dois tempos semanais de CEST e, sistematicamente, deve trocar informações sobre os alunos com os demais professores da turma.

O CEST possibilita que os alunos organizem os conhecimentos, resignificando-os e sistematizando-os. Ele propicia o desenvolvimento do hábito de estudo e de habilidades essenciais à formação humana, que serão utilizadas por toda a vida.

Os alunos do CEST podem pesquisar sobre arte, por exemplo, com um professor de CEST que é de matemática, porque esse professor estará lá para encaminhar os alunos nos passos da pesquisa e não para ensinar os conhecimentos específicos dessa área. O professor que atua no 1º Ciclo e no período inicial e intermediário do 2º Ciclo, mesmo sem ter um espaço regulamentado para o CEST, deve elaborar um planejamento voltado para o desenvolvimento de atividades de estudo, considerando as características do período de desenvolvimento em que atua.

Reagrupamento flexível – Essa proposta possibilita o desenvolvimento de atividades variadas que atendam às necessidades educacionais dos alunos. O reagrupamento requer um planejamento coletivo, já que os alunos são reagrupados por todos os professores da escola, a partir da observação e planejamento em conjunto. A intencionalidade na formação de cada grupo deve ser clara, pois, nesse tipo de trabalho, os alunos tanto podem ser agrupados pelas dificuldades quanto por áreas de interesse, pois ele visa à promoção da aprendizagem e à ampliação de conhecimentos.

Trocando em miúdos, um professor do período inicial do 1º Ciclo forma um grupo com seus alunos e com alunos de outras turmas para desenvolver uma determinada atividade. Outros grupos serão formados para fazer outras atividades com os professores de outras turmas, considerando sempre uma avaliação anterior das necessidades dos alunos e os objetivos que foram traçados para cada grupo formado.

O reagrupamento é mais uma ação que considera a diversidade e deve ser realizado semanal ou quinzenalmente, conforme as possibilidades da escola, devendo envolver todos os professores. ■

TEXTO

MARIA TERESA LACERDA (MULTIRIO),
MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA (ASSISTENTE DO E/DGED),
MARIA DE FÁTIMA G. DA CUNHA (DIRETORA DO E/DGED/ DEF),
NUVIMAR PALMIERI (ASSESSORA DO E/DGED)

ARTE

DAVID MACEDO

Quando a notícia é a pauta



“É assegurado a todos o acesso à informação”, determina a Constituição de nosso país em seu artigo 5º. E arrisco dizer que todos, ou a grande maioria de nós, brasileiros, de alguma maneira, conseguimos exercer esse direito. A TV, o rádio, os jornais, as revistas, a internet e até o telefone celular estão aí para nos pôr em contato com as tramas cotidianas que acontecem mundo afora. E tem sido papel do jornalismo trazer à tona essas histórias e torná-las palatáveis, inteligíveis, para o público. Nessa perspectiva, podemos dizer que o fazer jornalístico é uma atividade essencialmente pública. E vamos além disso, concluindo que o jornalista, como observa Victor Gentili, professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), “deve sempre se lembrar de que sua atividade é um serviço público, fundamental para a sociedade, para a cidadania, para a democracia”. Esse é apenas um ponto de vista e, a partir dele, podemos levantar a questão: as narrativas sobre os fatos e acontecimentos da atualidade, as notícias presentes na mídia, têm nos ajudado a nos situar no e sobre o mundo? Ou, como pergunta a jornalista Sylvia Moretzsohn em sua dissertação de mestrado transformada no livro *Jornalismo em tempo real, o fetiche da velocidade*: “se esse jornalismo que atualmente se pratica serve àquilo que se propõe: fornecer as informações indispensáveis para a formação do cidadão”? As questões merecem muita reflexão, podem e devem ser pensadas por aqueles que diariamente lidam com crianças, jovens e adultos na escola, até porque é também através das informações veiculadas pela mídia que, hoje, constituímos conhecimentos, conceitos e valores. Não se tem aqui a pretensão de encontrar respostas; o que se quer é apenas jogar luz em alguns aspectos do processo de produção da notícia que podem contribuir para ampliar o debate. Vamos a eles! ▶

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

MODELOS

MARCELO BUSCACCIO,

RENATA PETROCELLI E

FLAVIO CARVALHO

CABELO E MAQUIAGEM

BETH LESSA

Todos os dias, uma variedade de informações está à nossa disposição nos jornais e revistas, nos programas de notícias de rádio e TV e nas páginas de *sites* jornalísticos da internet. Do fato à manchete, é um longo percurso, que se inicia todas as manhãs, nas redações de órgãos de imprensa, com a seleção dos acontecimentos que se tornarão notícia. Um parêntese: notícia é uma representação social da realidade cotidiana ou, em outro ponto de vista, a técnica de relatar ou narrar um fato ou, ainda, todo fato relevante que desperte interesse no público.

E o que normalmente interessa ao público e se torna notícia? A morte de alguém notório, por exemplo. Ou a proximidade geográfica ou cultural de algum evento ocorrido e, em alguns casos, que ainda irá ocorrer. Ou a relevância

do fato. Ou a sua novidade. Ou a atualidade do evento. Ou sua notabilidade e/ou visibilidade. O inesperado ou insólito também é notícia. Assim como o conflito, a infração e o escândalo. E nem todos os fatos noticiáveis entram na pauta desta ou daquela empresa de comunicação, que edita este ou aquele jornal, revista, *site*, telejornal, conteúdo de celular ou programa de rádio.

O critério para selecionar o que será apurado, pesquisado, investigado pelo repórter está diretamente ligado aos interesses ideológicos, políticos e econômicos/comerciais da empresa. Da mesma maneira, a forma como o fato será apresentado ao público: com maior ou menor espaço físico na edição ou de tempo nos telejornais e programas de rádio; se haverá imagem/foto associada ao texto e, no caso de haver, o que será destacado ou omitido; se haverá personagens falando na matéria ou se é apenas um relato, uma observação do próprio repórter; se há alguma análise de especialista etc. – tudo é determinado por interesses da empresa, que nem sempre são perceptíveis para o leitor-telespectador-ouvinte.

Cada órgão de imprensa, então, edita os acontecimentos da forma que mais lhe interessa. Por isso, é tão comum ver nas bancas abordagens diferentes, nas primeiras páginas de jornais, sobre o mesmo fato. É sempre bom lembrar, como aponta o jornalista Luiz Gonzaga Motta, professor da Universidade de Brasília (UNB), “que quem narra tem sempre algum propósito ao narrar, e que nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a jornalística.”

A despeito do processo de edição que se faz ao narrar um fato, seja pelo olhar do repórter, seja pela intenção do editor, o que sempre é resguardado é a relação do fato com a verdade – característica própria da narrativa jornalística. “A narrativa jornalística é crível por antecipação. O público percebe nela algo verdadeiro e lhe confere a outorga de credibilidade”, comenta Marialva Barbosa, vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). O que importa para o discurso é o fato em si, justamente porque opera segundo a verdade dos fatos.

Efeito de real – Existe uma estratégia para que o texto jornalístico provoque no leitor um “efeito de real”, que se obtém com os “diversos recursos

Experiência, informação e conhecimento

Tratar do tema mídia, especialmente pensando no universo da escola, é também falar da relação entre informação e conhecimento. Informação e conhecimento não são palavras sinônimas e, para alguns pensadores, parecem ser conceitos incompatíveis. Em linhas gerais, informação é algo que acumulamos, que prescinde da experiência vivida. Conhecimento tem a ver com o percurso que fazemos, com a experiência, com algo que nos acontece, que nos transforma.

Podemos dizer então que a capacidade de gerar conhecimento está no indivíduo, na capacidade de cada um de fazer associações, refletir e tirar suas conclusões. “O conhecimento é pessoal, é uma espécie de heureka, de sacada. O que acontece é que as pessoas acham que porque estão bem informadas têm a capacidade de reflexão, mas isso não é verdade. Cada um vai refletir, mais ou menos, como sempre refletiu”, observa Carlos Laufer, doutor em ciência da computação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Jorge Larrosa Bondía, doutor em pedagogia pela Universidade de Barcelona, Espanha, é bem radical em seu ponto de vista. Ele afirma que a experiência, em uma sociedade que vive sob o signo da informação, como a nossa, é impossível. Para ele, “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência”. “E a experiência”, na sua opinião, “e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar de nossa própria vida”

Ele observa ainda que o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. E atualmente, “o conhecimento é mais a ciência, a tecnologia, algo infinito, que somente pode crescer, algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal, algo que está aí, fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar, algo que tem que ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estritamente pragmático, num sentido estritamente instrumental”, do que uma aprendizagem “na prova e pela prova, no e por aquilo que nos acontece, com todas as incertezas que isso implica”.



de linguagem e com uma fixação do centro do relato no aqui e no agora, no momento presente”, como observa Gonzaga Motta no artigo “A análise pragmática da narrativa jornalística”. Expressões que criam efeito de atualidade, de tempo, de algo que acaba de acontecer; de referencialidade geográfica, identificando precisamente o local onde ocorreu o fato; citações freqüentes entre aspas, dando a idéia de que quem fala é um personagem, que vivenciou o evento ocorrido, e não o repórter; dados numéricos e estatísticas indicando precisão são algumas estratégias lingüísticas de que o repórter lança mão para dar um tom de verdade à sua história. A intenção é tornar o texto claro e objetivo e criar uma sensação no leitor de proximidade com o fato narrado. O resultado é a dissimulação da mediação do repórter.

A técnica que impõe o *lead*, primeiro parágrafo de uma matéria que explicita em linhas gerais o fato ocorrido, e as cinco perguntas básicas que estruturam o texto jornalístico – quem, quando, como, onde e por quê? – também não dão espaço para que se trabalhe a forma, o como narrar. E esta é uma questão importante, quando se trata de narrativas midiáticas, sobre as quais se debruçam vários especialistas da comunicação e áreas afins.

A problemática do narrador – O jornalismo restrito à técnica e à função básica de informar o fato ocorrido não consegue produzir narrativas que primem pela interlocução. Ao contrário, como aponta Cremilda Medina, professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (Eca-USP), produz relatos monológicos e atrofiados.

Walter Benjamin, no texto “O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, diz que a informação chega a ser algo ameaçador à narrativa. Para o filósofo, “a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível em si e para si. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam freqüentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio”. A verdadeira narrativa para Benjamin é aquela ligada à tradição oral, em que a experiência do narrador se faz presente.

E a presença da experiência do repórter no texto é artigo raro no jornalismo. Os ►

jornalistas que já passaram por redações de jornais, revistas, telejornais ou programas de rádio sabem bem que não há tempo nem espaço físico para experiências (*leia no quadro da pág. 28*) vividas nas edições diárias, apenas para o relato objetivo e verdadeiro, que tem o seu melhor álibi na exigência dos editores “pela clareza para o leitor”.

No afã de relatar a verdade, o jornalista parece perder sempre o sentido do olhar. Passa adiante a informação seca sobre o evento ocorrido sem a experiência de quem viu detalhes da cena e, de alguma maneira, foi parte dela. Fernando Resende, professor do Departamento de Mídia e Estudos Culturais da UFF, usa fragmentos de um texto do jornalista Clóvis Rossi, testemunha dos conflitos em Jerusalém quando trabalhava na *Folha de S. Paulo*, para exemplificar, no artigo “O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista”, como o olhar do narrador-jornalista muitas vezes descreve o fato com detalhes que não comprometem absolutamente a objetividade do texto:

“Uma cabeça ensangüentada e um rosto que parecia ter perdido a pele, ressaltando apenas os dentes, permaneceu estendida na calçada em frente à padaria da rua Jaffa, a loja mais próxima do ponto de ônibus em que foi praticado o atentado ontem.

Só às 17h45 (11h45 em Brasília) o corpo foi removido, no saco de plástico negro com número 10 pregado. Foi apenas uma das cenas de horror vistas e vividas ontem nessa rua tão central e tão característica de Jerusalém.

E um homem de roupa toda preta, quipá idem, gritava junto à cerca que isolava o local do crime: ‘Eles nos matam, nós os matamos’. Em seis palavras, uma descrição crua do que está ocorrendo em Israel e nos territórios palestinos”

Fernando Resende mostra em seu artigo que no texto de Rossi, apesar de não haver qualquer preocupação com a objetividade, dificilmente pensaríamos em uma cena mais objetivamente descrita. “Escapamos nós mesmos da visão do jornalista, olhamos o fato e, como aquele que narra a história, nos tornamos parte dele”. O que Rossi faz em sua matéria, e Resende aponta, é deixar vir à tona uma tessitura mais complexa do fato narrado.

Vários repórteres da época do New Journalism norte-americano dos anos 1950 seguiam esse caminho. Exploravam o máximo do potencial narrativo da experiência que viviam como jornalistas e transformavam suas histórias em verdadeiras reportagens literárias. O mais conhecido deles é Truman Capote, que teve sua reportagem *A sangue frio* transformada em livro e sua biografia, no filme *Capote*.



As crianças e as notícias da TV

Complexa é a tarefa de tentar compreender o que as crianças do primeiro ano do ciclo, com idades entre seis e sete anos, entendem como “notícia da televisão”. Para isso, desde fevereiro de 2007, venho desenvolvendo uma pesquisa em uma escola pública municipal da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Não é surpresa para ninguém o fato de a televisão ter lugar de destaque nos dias de hoje na vida do brasileiro em geral e, pelo menos, por quatro horas diárias, na vida das crianças. Sendo assim, não é de estranhar que sejam parte do universo vocabular desse grupo de crianças expressões como “vi no jornal, vi na notícia ou vi na televisão” no lugar das expressões habituais usadas por muitos adultos: “li no jornal” etc.

Ler notícias em jornais impressos não é parte do cotidiano dessas crianças nem de suas famílias. As notícias vistas e/ou ouvidas na televisão são parte da rotina doméstica dos adultos, que é imposta às crianças e tem impactos diferenciados em suas vidas, quando só ouvem a televisão ou quando a vêem e a ouvem ao mesmo tempo. Como o telejornal é considerado por todos no grupo pesquisado “um programa chato”, eles fazem questão de dizer que só vêem/ouvem esse tipo de programação porque os adultos “botam no canal”, apesar de todos reconhecerem sua importância para a possibilidade de saber das coisas.

Parece que a certeza deles quanto ao fato de as notícias sempre se referirem a alguma coisa que de verdade já aconteceu se sustenta, em grande parte, pelo forte apelo realista do telejornalismo brasileiro. Esse suposto caráter de verdade se justifica em parte pelo suposto acesso de todos à informação, via televisão, além da possibilidade de a informação ser revisitada e discutida ao ser transformada em assunto para o cidadão comum, o que pode ampliar o seu impacto na constituição das identidades contemporâneas.

As crianças pesquisadas acreditam que as notícias importantes precisam se repetir muitas vezes, num mesmo dia, para todo mundo saber, mas nem sempre entendem por que determinados fatos, que para elas são considerados importantes, não viram notícia. Para ser possível conhecer o que essas crianças julgam ser uma notícia importante e que, por isso, todos deveriam saber, é necessário conhecer o que entendem por realidade e, ao mesmo tempo, o peso de ser verdade.

Na sociedade contemporânea, onde a notícia é um bem simbólico que dá poder e inclui, ou produz, seus opostos, não é possível, em tese, garantir ao cidadão o acesso a todas as informações a que ele teria direito. Também não é possível demarcar limites consensuais sobre os critérios de importância, urgên-

cia, verdade, atualidade, interesse público, interesse humano etc. Assim, parece que a quantidade e qualidade da informação travam combate diário e permanente, só que numa arena em que, em regra, a lógica do espectador como consumidor voraz de notícias é avaliada apenas a partir dos indicadores de audiência.

No caso do telespectador infantil, muito mais complexo e profundo se torna o compromisso deste estudo. Sabe-se que adultos e crianças urbanas contemporâneas estão muito inseguros e amedrontados diante de fatos aterrorizantes, noticiados em larga escala, envolvendo violência, morte, miséria, vingança, balas perdidas, polícias e milícias, seqüestros etc. Todas essas notícias assustam a todos, mas de maneiras diferentes a cada pessoa, adultos e crianças, de cada grupo familiar e comunidade. É importante considerar a hipótese de que as crianças estejam buscando alternativas diferenciadas, de modo individual e coletivo, por meio da imaginação, da fantasia e/ou da ludicidade para escapar deste aspecto supostamente ameaçador e vertiginoso causado por certas notícias da tevê, das quais supostamente não escapariam.

MARIA INÊS DELORME,
PROFESSORA E JORNALISTA

Potencial narrativo – Se explorar as possibilidades narrativas da experiência vivida pelo repórter ainda é uma questão para o jornalismo impresso, pleno de técnicas autoritárias de produção, a TV vem experimentando formatos narrativos novos. Por ocasião do atentado de 11 de setembro às Torres Gêmeas, em Nova York, por exemplo, passamos o dia vendo as imagens ininterruptamente. “Acompanhamos como co-

participantes de um fato que estava ocorrendo longe. Esta é uma nova formatação recorrente da necessidade de estarmos permanentemente sabendo o que acontece em outras partes do mundo”, informa a professora Marialva Barbosa, que tem uma extensa pesquisa na área de TV.

Ela chama atenção, por exemplo, para as edições de alguns telejornais em que os apresentadores não ficam mais parados, ►

mas circulam pela cena e recebem convidados quase como se estivessem na sala de estar de casa. É uma conversa em que o público se sente também participando. “No *RJ TV*, por exemplo, o Google Earth já foi incorporado à cena para olhar os caminhos do trânsito da cidade. É um outro formato influenciado por novos públicos”.

Novos meios – Se na TV novas possibilidades narrativas estão sendo exploradas, na internet ainda estamos engatinhando. Os *sites* jornalísticos, por exemplo, são estruturados de forma tão esquemática quanto as agências de notícia do século XIX. Esta é a opinião da jornalista Cremilda Medina. Há hipertextos, dicas “saiba mais” e de *links*, mas nada tão revolucionário quanto o meio em si, que amplie e aprofunde a narrativa. “Era importante dar um passo além das Cartas de

Leitores em um meio que oferece interatividade e que permite ao usuário acrescentar à notícia sua demanda ou experiência vivida”, diz.

Talvez a internet seja o meio mais propício – e aqui vai apenas o meu achismo – para que o cotidiano e os protagonistas da ação social, que não têm voz e vez na imprensa tradicional, se presentifiquem. Os *blogs* e todo o movimento do jornalismo participativo talvez estejam se aproximando desse dia-a-dia, que ninguém sabe como é, e desses personagens que ninguém nunca ouviu. Medina trata dessa questão em seu belo trabalho *A arte de tecer o presente*. Ela não fala da internet, mas de seu desejo de romper com as barreiras industriais de produção da notícia e, assim, “superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais”.

Conexões imediatas: informação e sociabilidade

MARIA APARECIDA MOURA E CAMILA MACIEL MANTOVANI*

O telefone celular alterou o curso de nossas interações sociais e o modo pelo qual produzimos e consumimos informações na sociedade. Hoje, estamos cada vez mais *acessáveis* nas rotinas de mobilidade e mergulhados em uma aparente sensação de que todas as relevâncias do mundo estão ao alcance de nossa extensão tecnológica.

Essas transformações foram possíveis porque a telefonia móvel implementou a articulação de cinco elementos essenciais: portabilidade, mobilidade, convergência tecnológica, diversidade de produtos mercadológicos intangíveis e interação. Estes, associados ao baixo custo, fizeram do telefone celular uma espécie de mídia-tudo, uma porta de entrada segura para o info-entretenimento (*infotainment*), junção de *information* e *entertainment* (informação e entretenimento).

Do ponto-de-vista comercial, o celular tornou-se um excelente negócio; do cultural, alterou as lógicas de interação social ao implementar a agregação *just in time*¹ – a efetivação de processos instantâneos e efêmeros de interação social entre sujeitos dispersos geograficamente. Esse tipo de agregação se estabelece via tecnologia, interconectando fluxos informacionais, independentemente dos limites do tempo e do espaço.

A interação social, antes realizada através das relações face a face, foi ao longo da história se transformando pela interposição de inúmeras e diversificadas formas de mediação. A interposição das mediações nas trocas comunica-

cionais tornou-se necessária para garantir a aproximação de sujeitos geograficamente dispersos. Assim, surgiram, ou foram apropriados socialmente, a carta, o telegrama, o telefone fixo, o fax, o *e-mail* e o telefone celular.

Essas mediações se introduziram no contexto das relações sociais sem contudo romperem com os princípios de sociabilidade presentes na interação face a face. Para tanto, veiculam de forma implícita e explícita traços dos sujeitos em interação, através dos indícios presentes na letra, na escolha do papel, no estilo e, posteriormente, no tom e intensidade da voz e na própria imagem dos interlocutores, garantindo uma migração paulatina do presencial ao tecnologicamente mediado.

Contudo, verificam-se exceções nesse cenário de adesão aos celulares. A resistência ao uso intenso do aparelho pode ser atribuída a diversos fatores, dentre os quais o estilo de vida, ou mesmo certa militância em torno do controle do seu próprio tempo. Para esses sujeitos estar on line significa ter menor controle sobre a sua vida.

O mercado da telefonia móvel esteve durante algum tempo vinculado apenas ao serviço de voz. Nesse cenário as operadoras eram os únicos atores, determinando preços de assinaturas e tarifas – modelo de negócio bastante semelhante ao da telefonia fixa. Porém, a digitalização dos celulares permitiu que fossem incorporadas novas funcionalidades ao aparelho, o que fez com que as operadoras de telefonia móvel passassem a vislumbrar novas possibili-

Há, de fato, como ela mesmo aponta, uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem representar na mídia. Inclusive, caros leitores, das que são ouvidas nas coberturas de jornais, revistas ou telejornais sobre educação ou escola. Democratizar as vozes na mídia significa ampliar os pontos de vista sobre a realidade. Muitos pontos de vista nos ajudam a produzir significados diferentes sobre o mundo que nos cerca. E democratizar a produção de significados sobre a realidade, segundo a jornalista e professora da USP Cremilda Medina, parece ser exatamente o grande desafio da área de comunicação social. “Só desta maneira conseguiremos formar cidadãos capazes de criar a própria significação sobre o que acontece no mundo”, observa. E são os repórteres, que enlaçam a sociedade com as

fontes mais oficiais de informação, que têm, segundo ela, essa tarefa.

Isto posto, só resta dizer que há uma necessidade latente de relacionar o universo escolar às novas mídias e tecnologias da informação e abrir um espaço para que alunos e professores reflitam, também a partir dos meios, sobre a realidade que os cerca. Falar com seus alunos sobre as notícias que ouvem, lêem ou vêem, em suas casas; chamar a atenção das crianças e jovens sobre os fatos que são noticiados e seu impacto sobre cada um deles; conversar com os alunos sobre o que eles conhecem da relação entre os fatos noticiados e a produção das notícias; mostrar que há inúmeras formas de narrar e representar os fatos e as histórias, e não só aquelas que a TV e outros meios impõem, tanto do ponto de vista estético como de abordagem de conteúdo, tornam-se deveres da escola. ■

SAIBA MAIS

- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: 1900 – 2000*. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.
- ————. *Percurso do olhar. Comunicação, narrativa e memória*. Rio de Janeiro, Eduff, 2007.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” In: *I Seminário Internacional de Educação de Campinas*. Campinas, 2001.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo, Summus, 2003
- RESENDE, Fernando. “O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista.” In: *Narrativas Midiáticas Contemporâneas*. Porto Alegre, Sulina, 2006.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis, Insular, 2004.

via telefones celulares

dades de geração de renda através da comercialização de músicas, imagens, jogos e notícias, abrindo espaço para outros atores comerciais na oferta dos serviços de valor adicionado (SVA). Esses serviços foram prioritariamente assumidos por empresas produtoras e distribuidoras de conteúdos.

Os aparelhos revelam a interação entre fluxos informacionais ao permitirem o *download* de vídeos e músicas em MP3, fotografias, envio de *e-mails*, a sincronização sem fio entre diferentes aparelhos e acessórios, e a comunicação entre usuários de qualquer lugar do mundo, através da quadribanda e da tecnologia GSM. Nesse caso, a interação é motivada mais pela informação disponibilizada do que pelo sujeito que realiza as trocas informacionais.

Hoje, os telefones celulares comportam a circulação de fluxos informacionais de origem bastante distinta: os primeiros têm origem nos sujeitos, portadores dos aparelhos, que mediatizam suas experiências cotidianas, disseminando-as, através dos celulares e nos mais diferentes formatos (textos, vídeos, fotografias, áudio) para suas redes de contato. Os outros são conteúdos padronizados disseminados pelas operadoras através de parcerias com distribuidores de conteúdos (músicas, imagens, notícias e vídeos para celulares).

A tendência já vislumbrada e experimentada é de o celular tornar-se uma mídia totalizadora, ou seja, atuar com extrema convergência, de modo que algumas tecnologias e processos (ir ao banco, ao supermercado, ao correio, dentre

outros) passem cada vez mais a ser utilizados por seu intermediário. Isso significa que as informações e os processos se consolidam enquanto fluxos informacionais. Nesse sentido, de acordo com Santos (2002)², o movimento atual articula simultaneamente a existência de “formas perfeitas universais” fornecidas pelas tecnologias da informação; “normas universais” associadas a uma “desregulação universal”; e uma ideia de “informação universal”.

Os telefones celulares são ao mesmo tempo uma ferramenta de gestão e difusão de conteúdos produzidos pelos usuários e um suporte para a comercialização de conteúdos padronizados. Nesse contexto, compreender a intervenção dos sujeitos no curso das informações e a ação da tecnologia sobre os mesmos é fundamental para avançarmos no entendimento dos seus impactos nos processos de sociabilidade contemporâneos.

¹MOURA, María Aparecida & MANTOVANI, Camila Maciel. “Fluxos informacionais e agregação *just in time*: interações sociais mediadas pelo celular”, *Textos de la CiberSociedad*, n. 6. Temática variada. Disponível em <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=74>. Acessado em maio de 2006.

²SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo, Edusp, 2002. 384 p.

*MARIA APARECIDA MOURA É DOUTORA EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA E PROFESSORA-ADJUNTA DA ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG); CAMILA MACIEL MANTOVANI É JORNALISTA E DOUTORANDA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO PELA MESMA ESCOLA.

A vez das crianças na mídia

Dia internacional criado pelo Unicef há 17 anos busca integrar jovens na produção de rádio e televisão

TEXTO

FABIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

ARTE DE CLAUDIO GIL

SOBRE FOTOS DE

ALBERTO JACOB FILHO

Dar voz a crianças e jovens na produção de rádio e televisão. Este é o objetivo do Dia Internacional da Criança na Mídia, que acontecerá em 9 de dezembro e terá como tema “o mundo que queremos”. Nesse dia, emissoras de rádio e TV de todo o mundo são encorajadas a levar ao ar programação especial para crianças e a convidar jovens a participar da produção e apresentação de programas. O dia foi criado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) há 17 anos e busca chamar a atenção dos meios de comunicação para os direitos de crianças e jovens.

O dia é celebrado sempre no segundo domingo do mês de dezembro, próximo do aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos (10 de dezembro) e da criação do Unicef (9 de dezembro). A edição de 2007 visa a referendar os compromissos estabelecidos durante a Sessão Especial da Assembléia das Nações Unidas sobre

a Criança, realizada há cinco anos. Na ocasião, os países signatários se comprometeram a cumprir quatro metas no cuidado com a infância: promover o acesso à educação de qualidade; garantir uma vida saudável; proteger crianças contra maus-tratos, exploração e violência; e combater a Aids. Para aumentar o significado do evento, este ano também marca os 18 anos da assinatura da Convenção dos Direitos da Criança, que visa a promover os mesmos objetivos e declara que as crianças têm o direito de manifestar suas opiniões e ter acesso a produtos de mídia que possam entender. Esses objetivos andam de mãos dadas com as oito Metas de Desenvolvimento do Milênio adotadas pela ONU, que incluem acabar com a extrema pobreza e a fome, universalizar o Ensino Básico e garantir a sustentabilidade ambiental. O Unicef também faz campanha para que as emissoras invistam na juventude, incorporando-a ao processo midiático durante todo o ano e não apenas no Dia Internacional da Criança na Mídia.

De acordo com a oficial de Comunicação do Unicef no Brasil, Rachel Mello, o dia é importante porque mobiliza a participação da criança e do adolescente na programação de rádio e TV, que, em sua opinião, ainda é insuficiente. “Além de falar sobre eles, o dia convida as emissoras a falar com eles. A intenção é que as crianças sejam ouvidas no processo de produção e programação e participem dos programas como entrevistadas ou até como apresentadoras, é claro, com a supervisão de adultos e educadores”, afirma.

Direitos da criança – Ao incentivar essa integração, em última instância, pretende-se chamar atenção para a importância de se promover os direitos da criança. “Quando se discutem questões e problemas relacionados à infância, sempre se chamam especialistas, professores, pesquisadores. A beleza do dia é que ele convida a se ouvir a própria criança. Ela não pode ser apenas a personagem de uma matéria, é preciso ouvir o seu ponto de

MULTIRIO destaca o dia

A MULTIRIO também está preparando uma série de ações para marcar o Dia Internacional da Infância na Mídia. Os professores da rede podem enviar à ouvidoria qualquer atividade desenvolvida relacionada ao tema “o mundo que queremos” – desde frases e desenhos até material audiovisual –, que poderá ser veiculada nas produções da empresa. O cartaz da revista NÓS DA ESCOLA de dezembro será baseado nas ilustrações e frases, que também serão divulgadas em uma seção do site criada especificamente para o evento. Também haverá um programa especial sobre o Dia Internacional da Criança na Mídia, produzido a partir desse material. As produções devem ser encaminhadas até o final de outubro à MULTIRIO. E-mail ouvidoriامتيريو@pcrj.rj.gov.br.



vista. É ainda uma bela oportunidade para que eles nos ajudem a pensar a nossa trajetória até 2015, o que precisamos fazer para garantir um desenvolvimento saudável para as crianças”, acrescenta Rachel Mello.

O Unicef disponibilizará uma série de anúncios de utilidade pública, VTs e pequenos programas relacionados ao tema desta edição. Os vídeos, que estarão em inglês, poderão ser obtidos gratuitamente e traduzidos pelas emissoras interessadas em veiculá-los. Juntamente com a Academia Internacional de Artes e Ciências da Televisão, a organização concederá o Prêmio do Dia Internacional da Criança no Rádio e na TV para homenagear produtores que “capturem o espírito” do dia. O Unicef também estreará este ano um prêmio específico para a excelência em transmissões de rádio.

Pelo terceiro ano consecutivo, a Academia Internacional de Artes e Ciência da Televisão e o Unicef também oferecerão prêmios regionais para emissoras que melhor promoverem os princípios, objetivos e temas principais do dia. Cada vencedor regional será convidado a participar da cerimônia de premiação da versão internacional do Emmy, o prêmio mais importante da televisão mundial, concedido a programas do mundo inteiro, que acontecerá em Nova York no dia 19 de novembro de 2007. Um desses finalistas receberá o prêmio do Unicef e da Academia Internacional criado para comemorar o Dia Internacional da Criança na Mídia. Os vencedores regionais na categoria radiofônica se tornarão finalistas para o prêmio de excelência de rádio, que também será concedido em novembro em Nova York. ■



Sem diferenças na escola

Aprendizado, brincadeiras e forma de compreender o mundo não devem ser divididos por gênero

Não é raro ouvir de pais e professores frases como “meninos são mais bagunceiros que meninas”, “garotas têm melhor rendimento escolar que garotos” e outras idéias que reforçam estereótipos sociais de que há diferença entre os gêneros no comportamento e no aprendizado. Muito desta divisão entre feminino e masculino se reforça pelas relações em casa e na escola e até por programas televisivos a que as crianças assistem. Portanto, a diferenciação passa muito mais pela forma de educar e compreender o mundo do que pela capacidade de apreensão dos indivíduos.

A psicóloga que trabalha com inclusão escolar Laura Battaglia Cavalcanti derruba mitos e decreta: meninos e meninas são igualmente inteligentes, e não há quem aprenda mais ou menos apenas por conta do gênero, mesmo que algumas pesquisas internacionais apontem para esse caminho. Laura desenvolveu seu estudo na época em que pesquisas norte-americanas insistiam serem os meninos menos inteligentes que as meninas. Especialistas na área apoiaram tanto a idéia que nos Estados Unidos há escolas exclusivas para cada gênero, com a justificativa de que meninos se sentiriam menos acuados pela inteligência feminina. “Nenhuma relação de aprendizagem é objetiva, apenas o conteúdo ministrado o é. A forma como o professor enxerga meninos e meninas é que influencia o aprendizado deles”, argumenta a psicóloga.

As formas de avaliar os alunos também passam por questões semânticas, de adjetivar cada gênero de uma forma. Laura destaca um estudo no qual professoras do Ensino Fundamental falavam sobre os seus alunos. “Para elas, meninas eram desatentas, e meninos, desleixados. Não se pode estabelecer que um símbolo é simples e imutável, ou seja, não se deve reforçar conceitos estanques. Você pode achar que a menina é desatenta ou desleixada, dependendo da situação ou do momento, assim como os meninos”, questiona a psicóloga.

Quando se discute questão de gênero, é preciso compreender que existem múltiplas

formas de ser menino e de ser menina, de ser masculino e feminino. Cláudia Vianna, professora doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), que faz parte de um grupo de estudos de gênero, educação e cultura sexual, diz que muito do que se reproduz cotidianamente vem de uma noção hegemônica de masculinidade, de o homem ser provedor, ter autoridade. Mesmo com tantos avanços, ainda se tem a herança da sociedade patriarcal – os meninos têm a força, e as meninas são doces, e, na escola, meninas têm cadernos limpos e organizados, meninos, não.

Transformações – Apesar de haver na sociedade uma visão do que é ser homem e ser mulher, houve uma grande mudança que também modificou as relações pessoais e sociais: o feminismo. Antes, as mulheres estavam restritas ao espaço familiar e gradativamente começaram a ingressar no mercado de trabalho, inclusive na escola. Hoje, professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do sexo feminino são 90% do quadro. Do ponto de vista da psicanálise, Laura alega que a diferença de aproveitamento dos gêneros na escola tem a ver com questões de superação feminina e feminilidade. A maneira como a professora se vê como mulher influencia a forma com que ela lida com a divisão de meninos e meninas na sala de aula. “Não é preciso negar ou exaltar diferenças entre sexos. Deve haver interação no processo de educação. Podemos ter uma sociedade em que seres humanos devem se constituir de forma plural e complexa. Somos agressivos e doces, sensíveis e firmes. Isso não se separa por gêneros”, complementa Cláudia Vianna.

Apesar de toda a ascensão profissional feminina, a própria existência de mais mulheres como professoras reforça nossa visão do passado, na qual a docência é colada às ações associadas ao feminino, como cuidar. Desde pequena, a menina brinca de ser professora e é incentivada a isso. Já os meninos não podem brincar de boneca, devem ter um carrinho e ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

ILUSTRAÇÃO

ADRIANA SIMEONE,

ALEX LOPES,

ALINE CARNEIRO E

GUSTAVO CADAR

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

uma bola. No estudo intitulado *Gender Play* (Jogo dos Gêneros), a americana Barrie Thorne analisa as brincadeiras infantis e diz não ser só a intervenção dos professores que reforça os estereótipos. As crianças já vêm de casa carregadas de conceitos do que é ser feminino e masculino, inclusive em função do que vêem na televisão. Segundo Cláudia, meninos de 5 anos são incapazes de chupar pirulito rosa, mesmo que gostem de morango. Até as cores são separadas por gêneros.

Para que algumas questões como essa sejam abolidas aos poucos do imaginário infantil, é preciso que os professores provoquem situações para que certos aspectos sejam problematizados. Devem aceitar que meninos e meninas brinquem de bonecas, porque o aprendizado do cuidar não é puramente das mulheres. E compreender que a menina também

precisa exercer sua agressividade, no limite do saudável, para ter condições de demonstrá-la e controlá-la no momento adequado.

Dentro desta discussão, o mais importante é que a escola abra suas portas para as diferenças. Ela precisa acompanhar transformações de conhecimentos, novas manifestações de saber. Para Laura, o fundamental é que haja uma troca entre alunos, mas também entre crianças e professores. Com isso, aplica-se o que é mais saudável no processo educacional: o reconhecimento de que todos são capazes de aprender tudo, mas cada um tem seu tempo para chegar ao conhecimento. Quando os professores reconhecem isso, deixam de fazer divisões de gênero, como filas ou espaços próprios para cada um, ou de nivelar alunos pelo seu rendimento escolar, e passam a trabalhar todos juntos, mas respeitando suas particularidades. ■

Romances da corte

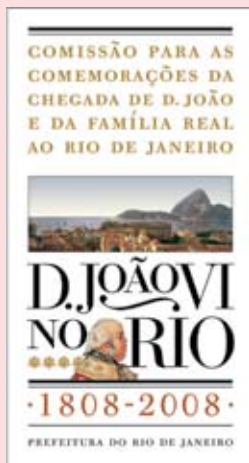
Se hoje ainda se vêem mulheres e homens de forma desigual, muitas conquistas foram alcançadas até que o sexo feminino chegasse ao mercado de trabalho e pudesse decidir sobre a sua própria sexualidade, com o advento da pílula anticoncepcional. Na época do Brasil colonial, por exemplo, as moças não freqüentavam escolas, tampouco tinham acesso a uma educação formal. Geralmente, eram alfabetizadas por preceptores que iam às suas casas. Suas professoras eram senhoras francesas ou inglesas que davam aulas de línguas e de bordado, entre outras tarefas domésticas.

Um tipo de leitura apreciado na época pelo público feminino, especificamente as senhoras da nobreza, eram as novelas românticas. Por isso, a Imprensa Régia do Rio de Janeiro, criada pelo príncipe regente D. João quando se instalou no Brasil, não se limitou a publicar documentos oficiais e, a partir de 1810, começou a editar esse tipo de literatura. Tais novelas eram histórias de

ficção, mas tinham como objetivo divertir e instruir as mulheres em relação a aspectos morais da época. Alguns temas polêmicos foram abordados justamente com a intenção de censurar comportamentos considerados imorais. É o caso de *O castigo da prostituição*, sobre a iniciação de uma prostituta que ao final se arrepende por ter seguido esse caminho.

Grande sucesso no tempo do Império, essas publicações vão ganhar nova roupagem no ano que vem, quando serão reeditadas em um único volume pelas comemorações do bicentenário da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro. Segundo a professora titular de História Moderna da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e organizadora das publicações, Lúcia Bastos¹, uma das novelas a serem republicadas é *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint Pierre, que conta a história de amor de um casal, mas também aborda aspectos da colonização das Américas.

¹ As novelas serão reeditadas em 2008 e estão sendo organizadas por Lúcia Bastos e Luiz Carlos Villalta, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).





JOGOS E BRINCADEIRAS

Tudo que seu mestre mandar

A forma de uma criança brincar pode ser um reflexo da sua realidade e é capaz de mostrar como ela vê o mundo e se relaciona com outras pessoas. Atenta a isso, Mariluci Sousa Costa, ex-coordenadora pedagógica e hoje diretora da Escola Municipal Cesar Augusto Soares, em Sampaio, começou a observar as brincadeiras dos alunos na hora do recreio e constatou que a violência estava presente em grande parte delas. Para mudar esse panorama, imediatamente elaborou um projeto pedagógico que apresentasse atividades mais interessantes e criativas para os estudantes.

Intitulado Brincadeiras de Ontem e de Hoje, o trabalho contou com a participação de alunos de diferentes faixas etárias e professores de várias disciplinas. O pontapé inicial foi uma investigação na própria comunidade em que grande parte dos estudantes mora, a Dois de Maio, no Engenho Novo, conhecida

como Favela do Rato. Ao visitar a associação de moradores e entrevistar pais e residentes no local, descobriu-se que a infância de muitos deles foi difícil, muitas vezes sem espaço para brincar. “Muitos adultos não tiveram infância, porque começaram a trabalhar muito cedo, e outros foram pais na adolescência, interrompendo um ciclo de vida importante para seu desenvolvimento. Por isso, percebemos que eles não se preocuparam em brincar com os filhos, porque isso não foi determinante para eles”, explica Mariluci.

A partir daí, a então coordenadora pedagógica resolveu listar as brincadeiras e os jogos que as crianças conheciam e usar o laboratório de informática para que elas pesquisassem na internet as regras dos que foram enumerados. Após essa etapa, os estudantes fizeram um acróstico (forma textual em que as primeiras letras de cada frase ou verso formam ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



A hora do recreio ganhou novos ares depois da pesquisa sobre as brincadeiras antigas



Depois do projeto Brincadeiras de ontem e hoje, os alunos da E. M. Cesar Augusto Soares passaram a valorizar passatempos simples, como pular corda

uma palavra ou frase) com as informações encontradas na rede. Ao mesmo tempo, os professores resgataram algumas brincadeiras de sua infância, e foi feita uma ilustração no programa de computador Paint Brush, com a atividade e a foto de cada um deles. Os objetivos dessas etapas eram envolver toda a comunidade escolar e a possibilidade de uma troca de experiências entre as gerações.

A informática educativa foi muito utilizada durante diversas fases do projeto, que teve duração de cinco meses. Para ampliar seu repertório de atividades lúdicas, os alunos enviaram e-mails para escolas de outros estados do país, para saber como as crianças desses lugares brincavam. Outro ponto alto foi a reprodução das brincadeiras em massinha para confecção de uma animação no programa de informática Gypsee Pro. A professora do ciclo inicial Paula Bettcher aproveitou uma oficina de animação de que participou para desenvolver na escola a produção de um *flip book*. “Nós produzimos imagens de movimento de uma criança brincando com a bola e outra soltando pipa. Eles fizeram comigo o passo-a-passo e viram o resultado. Foi interessante porque trouxe uma motivação e foi divertido não só para os alunos, mas também para os professores, que puderam relembrar sua infância”, afirma Paula.

Além da tecnologia, a arte também teve seu papel no projeto. A partir de telas do pintor Cândido Portinari que retratam diversas brincadeiras infantis, os alunos reproduziram as imagens por meio de fotos e computação gráfica, transformando a nova produção em verdadeiros quadros vivos. Para Mariluci, a realização de atividades como essa transformou o pensamento dos alunos e resgatou sua auto-estima. “Antes eles só tinham idéia do que era destruir, e, agora, colocamos a idéia do que é construir”, diz acreditar a diretora.

Ao fim da programação do ano, Mariluci considera que o objetivo foi alcançado. Segundo ela, onde antes só havia espaço para brincar de polícia e ladrão, fazer corredor polonês ou brincadeiras de luta, passou a haver outras possibilidades. As crianças começaram a levar para o colégio bonecas e bolas. Entre as brincadeiras que caíram no gosto dos alunos estão pular corda, pular elástico, cabra-cega e



Em lugar dos brinquedos, boa parte das descobertas não requer mais que as possibilidades do próprio corpo

passaraio. A aluna Elis Fernanda Oliveira, de 9 anos, que participou do programa reproduzindo um dos quadros de Portinari, ao ser fotografada dando cambalhota, anima-se só de falar sobre as novas brincadeiras que aprendeu. “Hoje gosto de pular corda e elástico, de pique-esconde e de boneca. Brincar é bom porque me distrai quando eu estou triste. Também é legal porque anima os colegas quando eles se sentem sozinhos”, justifica.

A experiência teve tanto sucesso que o projeto ultrapassou os muros da unidade e foi apresentado na I Jornada de Informática Educativa InterCRE, da Secretaria Municipal de Educação (SME). O trabalho foi escolhido para representar a 3ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação) no evento. Além de a atual diretora explicar a proposta, ainda foi feita uma edição no computador com todas as etapas, inclusive com animação a partir de ilustrações dos alunos para a música *Bola de meia, bola de gude*, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Fotonovela – Transformar pensamentos e vidas continua nos planos da Escola Cesar Augusto Soares. A diretora pretende trabalhar criticamente o que os meninos e as meninas vêem na TV. A partir de uma constatação de que as crianças têm como referência personagens de telenovelas que são bandidos e traficantes, ela quer contar outras histórias que fujam um pouco deste cotidiano de violência. Mariluci resolveu criar fotonovelas a partir de narrativas de casos

e situações que aconteceram no ambiente escolar. “Queremos criar novas perspectivas, assim como aconteceu no projeto das brincadeiras. A fotonovela será também uma forma de deixar registrada a memória da escola”, afirma. ■

Deu certo

- A melhora na auto-estima dos alunos, que se viram envolvidos em diversas atividades.
- A ampliação do poder de escolha das crianças, que passaram a conhecer novas brincadeiras.
- A diminuição da incidência de brincadeiras violentas na hora do recreio.
- A incorporação da informática ao cotidiano escolar.

Poderia ser modificado

- Seria interessante dar prosseguimento imediato ao projeto no ano seguinte.

Mais comunicação na escola



A professora Christiane Penha ensina a linguagem de Libras a alunos da E. M. Mato Grosso, que passaram a se comunicar melhor com os deficientes auditivos

O aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) tornou-se fator de integração entre alunos, professores e direção da Escola Municipal Mato Grosso, em Irajá. Ao perceber que havia uma dificuldade de comunicação entre os alunos surdos e os demais, a professora Christiane Penha criou um projeto pedagógico voltado para cada um dos segmentos escolares, não deixando de incluir os responsáveis pelos meninos e meninas. As atividades tornaram-se tão envolventes que hoje a unidade é praticamente bilingüe. As salas, o refeitório, os banheiros e a biblioteca ganharam placas indicativas em português e Libras.

Formada em vários cursos de aprendizagem de Libras, Christiane diz acreditar que é de suma importância para a inclusão social a lei 10.436/2002, que reconhece oficialmente a Língua Brasileira de Sinais e outros recursos

de expressão a ela associados. Desde que assumiu a turma de alunos surdos, ela tenta divulgar essa linguagem para o maior número de pessoas. A idéia de unir os diferentes grupos na escola surgiu quando a professora Márcia Monção, do segundo ano do primeiro ciclo, comentou que tinha dificuldades em se comunicar com um aluno surdo da sua turma. “No início, eu tinha uma angústia enorme porque não conseguia entendê-lo. Agora tudo está mais fácil”, lembra.

Hoje os professores interessados em aprender a nova linguagem recorrem a Christiane. Assim como os pais e irmãos de alunos, que têm aulas de Libras uma vez por semana, com duração de 30 minutos. Alguns familiares já perceberam que houve uma melhora no relacionamento em casa. Luciana Oliveira da Silva é mãe de Gabriel, de 11 anos, que ficou

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



surdo há cinco anos, e de duas meninas, de 6 e 9 anos. “Meu filho sabe falar e usa aparelho, mas resolvi aprender a linguagem de sinais para conseguir me comunicar melhor com os amigos dele e também ensinar às minhas filhas. Foi a melhor coisa que me aconteceu como mãe de uma criança que precisa de uma atenção especial”, comemora. Depois de três meses de aula, Luciana já promove brincadeiras como mimica e adedanha com linguagem de Libras.

O projeto foi iniciado este ano, primeiramente, com os alunos que têm dificuldade de audição, com a criação de um diário de aprendizagem em Libras para ser trabalhado em sala. O intuito era discutir a questão da identidade com utilização da linguagem especial. Os estudantes tinham que informar seu nome, onde moram e falar da família através dos sinais. “Quis começar falando da história deles, já que cada aluno tem sua experiência de vida. Uns são surdos de nascença, outros foram perdendo a audição gradativamente ou tiveram doenças que os impossibilitaram de escutar. Por isso, resolvi usar estratégias visuais e imagens que estimulassem a produção de textos em Libras, partindo de algo que interessasse a eles”, explica Christiane. A professora apresentou o alfabeto da linguagem de sinais com seqüências de fotos, ilustrações e cartazes.

Multiplicação – Christiane Penha criou também o programa de monitores, para envolver os alunos das turmas regulares que têm interesse em se relacionar de forma mais próxima com os colegas portadores de necessidades especiais. Os monitores passam 20 minutos por dia aprendendo Libras e depois tornam-se multiplicadores. A pequena Gabriela Farias, de 7 anos, orgulha-se de já conhecer algumas palavras em Libras. Além de repassar o que aprendeu aos colegas

de turma e fazer novas amizades, começou a ensinar o novo alfabeto à tia.

Para Christiane, um dos objetivos desse aprendizado é tornar os alunos portadores de necessidades especiais mais seguros de sua capacidade de participar das aulas como qualquer outro, além de se sentirem mais adaptados à convivência diária com os colegas. “Eles começam a ter aulas comigo separadamente, mas serão inseridos em turmas regulares. O trabalho melhora sua auto-estima, faz com que se sintam mais preparados e felizes de interagir com os outros, e eles percebem que é possível se integrar. Quando chegam a uma turma regular, ficam arredios ou inibidos, mas agora já estabelecem diálogo com os outros”, analisa.

Outra forma de auxiliar os demais professores foi a criação de um vocabulário adaptado, já que muitas palavras não existem no dicionário de Libras. Com isso, os interlocutores podem usar sinônimos para explicar conteúdos para os alunos surdos. Christiane preparou fichas explicativas que contêm palavras semelhantes às que o professor pretende usar, e, assim, ele pode consultá-las sempre que precisar. Esse material é ampliado de acordo com a demanda.

Em meio a tantas atividades, o projeto não poderia deixar de contemplar o que os alunos mais gostam de fazer: brincar. Por isso, foi criado o concurso “Soletando em Libras”, que vem sendo realizado em duas etapas. A competição envolve 29 crianças da turma regular da professora Márcia. Inspirada em um concurso de um canal de TV, que premia alunos após falarem letra por letra da palavra indicada, a atividade também elimina aqueles que não souberem fazer isso através do alfabeto de sinais. Ao fim do campeonato, haverá uma cerimônia de premiação, em que os melhores colocados ganharão faixas e medalhas. ■

Na sala de aula, as letras do alfabeto ganham destaque em sua versão em Libras

Cercadas de água e história

Defesa, turismo, festas: ilhas da Baía de Guanabara já foram utilizadas para as mais diversas finalidades



SAIBA MAIS

TV

- Aventuras cariocas – episódio Ilhas

Livro

- *O Rio de Janeiro da pacificação – franceses e portugueses na disputa colonial*, de Paulo Knauss Mendonça. Coleção Biblioteca Carioca, vol. 18, editado pela Prefeitura do Rio

Alguns meses após o descobrimento do Brasil, uma expedição exploratória chegou à abertura de uma grande baía, confundida com um rio. Era o primeiro dia do ano de 1502, e o local foi batizado de Rio de Janeiro. A baía recebeu depois o nome de Guanabara, hoje conhecida mundialmente por seus traços sinuosos aliados à beleza das ilhas e ilhotas que salpicam as águas com tons variados, como o verde dos manguezais, característica encontrada na área do fundo, onde deságuam diversos rios. Com uma área aproximada de 380 quilômetros quadrados, seus limites vão da ponta de Copacabana à de Itaipu, em Niterói. Das inúmeras ilhas, algumas ganharam notoriedade por questões de Estado ou curiosidades. A seguir, algumas das principais delas.

Ilha do Governador – A maior delas, hoje abriga 15 bairros cariocas, com uma população estimada em mais de 200 mil habitantes. “Sempre foi reduto de contingentes indígenas, e também há indícios, de acordo com estudos da antropóloga Maria Beltrão¹, de que foi local de ocupação da feitoria estabelecida pela expedição de 1503 de Américo Vespúcio”, destaca o professor de história da Universidade Federal Fluminense

(UFF) Paulo Knauss. Os franceses a escolheram como um dos primeiros núcleos da França Antártica, projeto do oficial de marinha Nicolas Durand de Villegagnon (1510-75) de estabelecer no Brasil uma colônia francesa.

Já na época da República, em setembro de 1893, a ilha foi cenário da Revolta da Armada, movimento de oposição ao governo de Floriano Peixoto, chefiado pelo almirante Custódio de Melo e, depois, por Saldanha da Gama. Surprindo-se de gêneros produzidos no local, os revoltosos só foram dominados após intenso bombardeio à ilha. Seu nome é uma referência a Salvador Correia de Sá (o Velho), governador e capitão-geral da Capitania Real do Rio de Janeiro (1568-72), que recebeu do tio, Mem de Sá, metade do seu território.

Ilha da Laje – A pequena ilha rochosa, localizada na entrada da baía, foi a primeira a ser avistada pela expedição exploratória. Por sua posição

¹No endereço eletrônico da *Revista Canindé*, há um texto sobre as pesquisas de Maria Beltrão a respeito da Ilha do Governador www.max.org.br/biblioteca/Revista/Caninde-08/Caninde-8-05.pdf

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

estratégica, foi base militar de observação. É ocupada pelo Forte Tamandaré da Laje, já desativado, sob responsabilidade do Exército.

Ilha de Villegagnon – A ilha, onde desde 1938 está instalada a Escola Naval, começou a ser ocupada no século XVI, e como não tinha fonte de água dependia totalmente dos europeus e índios do continente. Pode parecer pouco hoje, mas Knauss ressalta que a topografia foi muito alterada ao longo dos séculos. “Além de ficar afastada do continente, havia dois outeiros e muitas pedras ao redor”. Com a Independência do Brasil, a ilha foi transferida para a Marinha e, em 1843, passou a sediar o Corpo de Imperiais Marinheiros.

Boa Viagem – Os pontos de defesa da baía intercalavam fortes e igrejas. Esta ilha sempre teve ao mesmo tempo função religiosa e militar. Próxima a Niterói, a capela de Nossa Senhora da Boa Viagem está em posição espelhada com a igreja do Outeiro da Glória. Hoje, é a sede do 4º Grupo de Escoteiros Gaviões do Mar.

Brocoió – Está atualmente reservada ao uso oficial do governo do estado. Embora as ilhas da região pertençam à XXI Região Administrativa da Cidade do Rio, tem administrador próprio. Faz parte do arquipélago de Paquetá, situado ao fundo da baía. Em 1930, o então dono da ilha, Otávio Guinle, mandou construir uma mansão em estilo normando, projetada pelo arquiteto francês Joseph Gire, o mesmo do Copacabana Palace. A ilha foi adquirida pela Prefeitura do Distrito Federal em 1944 e já passou por reflorestamento.

Paquetá – Está a aproximadamente 15 quilômetros da Praça XV. No período regencial, em 1833, a ilha tornou-se independente de Magé e passou a pertencer ao Município da Corte. A ocupação cresceu consideravelmente a partir das freqüentes visitas de D. João VI nos primeiros anos do século XIX, e da criação de uma linha regular de barcas, em 1838. O grande sucesso do romance *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1844, também serviu como excelente propaganda para novos moradores e turistas. O sistema de coleta e tratamento de esgotos em Paquetá foi pioneiro no país, concluído em 1912 pela



A cerca de 15km da praça XV fica a ilha de Paquetá. Na página ao lado, a vista ainda a distância

empresa britânica City Improvements. Hoje, possui aproximadamente 2.200 domicílios, sendo grande parte de veranistas.

Ilha do Sol – Ficou famosa no século passado graças à dançarina Luz del Fuego, que implantou na ilha o Clube Naturista Brasileiro, o primeiro do país. O local atraiu vários astros de Hollywood: Errol Flynn, Lana Turner, Ava Gardner, Tyrone Power, Cesar Romero, Brigitte Bardot e Steve MacQueen, que concordavam com a regra básica do clube: nudez total. Os bailes de carnaval na ilha foram motivo de escândalos na época. Luz del Fuego foi assassinada em 1967, tragédia que suscitou diversas teorias. Nunca se esclareceu quem estava por trás do crime. Depois disso, a Ilha do Sol ficou desabitada



A ilha Fiscal abrigou o último baile do império e hoje é um bem tombado pela Prefeitura do Rio

Ilha Fiscal – Seu nome é uma referência ao posto da Guarda Fiscal, que funcionava ali para atender o porto da capital, no século XIX. A ilha celebrou-se por ter abrigado o famoso baile imperial da Ilha Fiscal, o último antes da proclamação da República. A construção que abrange quase toda a ilha, um castelo em estilo gótico-provençal, foi feita por ordem de D. Pedro II e inaugurada em abril de 1889. O edifício é bem tombado pela Prefeitura do Rio desde 1990. Atualmente, abriga um museu histórico-cultural mantido pela Marinha. ■

Um nobre mercador de sonhos



O prazer de ser um sebista, ou a arte de proporcionar cultura e informação por meio de livros usados

– Seu Walter, o que o senhor costuma ler?
– Prefácios!

É assim, com bom humor e perspicácia, que Walter Alves da Cunha, o dono de sebo há mais tempo em atividade no Rio, responde a todas as curiosidades de quem quer saber como, aos 94 anos de vida e há 77 no ramo, mantém disposição para administrar lojas e depósitos, selecionar o que deve ser incluído em bibliotecas encomendadas e estar sempre fazendo planos, pensando no futuro, orgulhoso da história que construiu.

Foi em 1930 que começou a saga do livreiro, quando deixou sua terra natal, Pará de Minas (MG), onde trabalhava como peão de fazenda, para ganhar a vida com o tio José Augusto Santana, em uma época em que já eram comuns os sebos espalhados pelo Centro da cidade. A loja da Rua General Câmara¹, freqüentada por advogados, juristas e principalmente pelos estudantes do Colégio Pedro II, tinha um atrativo que a fazia famosa entre os consumidores e divertia o garoto de 17 anos. Era um burro empalhado na porta,

com a seguinte plaquinha pendurada ao pescoço: “Este burrinho está chorando porque não sabe ler.” Por isso, todos chamavam o local de “Livraria do burro que chora”, mostrando o lado criativo do tio José para os negócios, talento que o sobrinho demonstrou, com o tempo, ter herdado.

Poucos anos depois, no Castelo, Walter abriu a primeira loja, por conta própria, e a intuição para o comércio o levou a prosperar nesse ofício – que ele não troca por nada deste mundo – e ainda lidar com o setor imobiliário. “Tive alguns imóveis na Rua São José, que vendi para grandes construtoras”, revela. A São José, por sinal, foi um importante reduto de amantes das letras há mais de um século. No final da

¹A Rua General Câmara, extinta com a abertura da Avenida Presidente Vargas, ficava entre a Rua Visconde de Itaboraí e a Praça da República. Ficou mais conhecida pelo seu antigo nome, Rua do Sabão.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

noite, por seus botequins se reuniam escritores, gráficos, jornalistas e boêmios em geral, que, depois da saideira, tomavam uma canja “para rebater”. Por isso, o logradouro chegou a ser conhecido como Rua da Canja.

Mas isso foi antes da carreira de seu Walter, que não esconde o prazer que tem em avaliar, selecionar, mandar para restauro, comprar e vender as mais variadas obras, acreditando que os sebos são uma forma de oferecer conhecimento, teorias e sonhos a pessoas de todos os gostos. Os colecionadores são grandes fomentadores do mercado, com certas exigências que viram um desafio que o livreiro curte enfrentar. “Por isso, sempre gostei de trabalhar com primeira edição dos clássicos. A primeira de *Primaveras*, de Casimiro de Abreu, por exemplo, vale R\$ 10 mil, assim como *Iracema*; *O guarani* custa R\$ 30 mil”, comenta, sem esconder sua predileção pelo autor cearense José de Alencar. Outro grande desafio para ele é conseguir livros esgotados.

E no meio de tantas histórias, teorias, imagens e revelações, o sebista tem seus eleitos. “Amo livros sobre o Brasil, de viajantes que fizeram grandes registros, como Debret e Rugendas, além de literatura nacional. Mas se for ler tudo, não há tempo que chegue”, justifica, explicando por que não leu, nos últimos tempos, uma obra inteira – motivo pelo qual também não foi até o fim na faculdade de direito.

A história que se conta nos mais diversos tipos de papel é sempre uma preciosidade na mão de quem corre contra o relógio. Obviamente, vez por outra podem aparecer verdadeiras jóias raras. Segundo a filha Lucy da Cunha Galindo, que trocou a carreira de arquiteta para também vender livros, seu Walter chega a tremer quando tem em mãos um documento muito antigo, mesmo que seja um papelzinho. Lucy e os filhos, Yansel e Alexis, mantêm um interessante sebo / botequim nas imediações da Praça Tiradentes. O orgulho pelo pioneiro da família foi traduzido em uma placa, inaugurada há dois anos na loja da filha, que conta um pouco da história dos sebos e presta homenagem ao pai e avô. Mas antes que alguém pense que seu Walter convenientemente preparou os descendentes para o negócio, Lucy conta ter sido por acaso que começou a negociar livros de arte, por causa da profissão. E acabou ficando, mas de forma independente do pai.

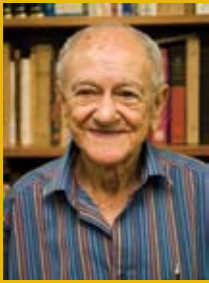
Grandes bibliotecas – Uma das façanhas de seu Walter é ter sido responsável pela montagem de bibliotecas importantes no Brasil e exterior. E para quem gosta tanto de História do Brasil, pode-se dizer que ele faz parte dela. Quando Juscelino Kubitschek se deu conta de que não poderia transferir a Biblioteca Nacional para a nova capital, seu Walter foi convidado para montar a Biblioteca do Palácio da Alvorada. Ele foi apresentado ao presidente por um cunhado, que trabalhava para o governo. Poetas como Cláudio Manoel da Costa, romancistas e escritores de outras vertentes, em um total de seis mil volumes selecionados cuidadosamente, desembarcaram em Brasília para o início do novo Distrito Federal. Outras grandes bibliotecas foram feitas pelo sebista, como a do Memorial da América Latina, em São Paulo, da Universidade de Brasília, Faculdade de Direito da Universidade Santa Úrsula, em Botafogo, e algumas no exterior, em países como México e Estados Unidos, que pedem volumes para conhecer a cultura brasileira. Depois de feita a seleção, os títulos são submetidos à aprovação de professores e especialistas.

Voltando a JK: ele gostou tanto do resultado na Alvorada que, em seguida, pediu o ►

Sebo e alfarrábios

Existe mais de uma versão para a origem da palavra “sebo” como sinônimo de loja de livros usados. A mais verossímil e aceita pela Academia Brasileira de Letras é de que a palavra vem do latim *sebu(m)*, composto de secreção das glândulas sebáceas. Como os livros usados vão ficando sujos, em função do manuseio, são chamados de sebosos e, por conseguinte, as livrarias que os vendem ficaram conhecidas como sebos. Este nome foi cunhado no Brasil, já que em Portugal o termo utilizado é “alfarrabista” (de alfarrábio, que significa livro antigo).





Walter Cunha

- Nascimento: 06/11/1913, em Pará de Minas, a 70 Km de Belo Horizonte
- Dieta: Come de tudo; no jantar, uma tacinha de vinho é sagrada
- Quando tem tempo, viaja para seu sftio em Azurita, município de Mateus Leme, MG
- Na juventude, nadava na Praia do Boqueirão, onde hoje é a Praça XV, e foi remador do Vasco da Gama
- Autor predileto: José de Alencar
- Casado há 70 anos com Gaby Alves da Cunha; tem dois filhos e seis netos
- Maior biblioteca que já montou: Universidade da Cidade do México, com 30 mil volumes

orçamento para uma biblioteca pública. Mas, quando o levantamento estava na mão, o presidente já era Jânio Quadros. O trabalho ficaria em torno de 400 mil cruzeiros, e, quando seu Walter conseguiu uma audiência com Jânio, o novo presidente logo falou que não poderia gastar tanto dinheiro com livros.

– Mas, professor, o povo precisa de cultura.

– Não precisa, não. Se eu fizer isso, vão me jogar no chão!

A biblioteca não saiu do papel, mas, independentemente disso, o tombo não tardou a chegar...

Disciplina e trabalho – Histórias não faltam, mas o livreiro não descansa sobre os louros de tantos anos de ofício. Ainda hoje, trabalha dez horas por dia. Velhos hábitos da juventude – de quando conciliava a vida entre prateleiras e atividades atléticas – se mantêm inalterados: todos os dias, ele dorme às 22h e acorda às

5h. Às 6h, já degusta o café da manhã; almoça ao meio-dia e no jantar, às 21h, não dispensa uma tacinha de vinho, que considera um elixir de vigor. E nada de dietas: “Como de tudo, sem problemas!”

Hoje, o comerciante tem duas livrarias no Centro, sendo a principal na Praça Tiradentes, e dois depósitos, um em Vicente de Carvalho (Zona Norte) e outro na Rua do Teatro, perto do Largo de São Francisco. Em cada um dos depósitos, ele calcula ter no mínimo 100 mil livros. Não é exagero: na Rua do Teatro, o imenso depósito possui montanhas de coleções, romances, livros didáticos e científicos. O espaço tem quatro andares e 40 metros de fundo, sendo cada pavimento reforçado para suportar mil quilos por metro quadrado. Depois de uma seleção e adequação feita pessoalmente pelo dono, o lugar vai abrir como loja, em 2008, planejada de forma que os livros fiquem mais bem expostos aos consumidores. O irmão Roberto acabou seguindo o lucrativo e encantador mundo de repassar livros para novos consumidores e trabalha também na Tiradentes.

Pode-se conversar por horas com seu Walter sem se escutar sequer uma reclamação. Nem mesmo mudanças tecnológicas, vistas geralmente com desconfiança por gerações mais antigas, tiram o bom humor do livreiro. Para ele, a internet acabou com o sofrimento dos bibliófilos, que às vezes ficavam procurando por uma obra por anos – agora, é tudo imediato. Isso fez com que sua clientela no exterior caísse consideravelmente. Mas nada o aborrece: o sebista já está planejando informatizar todo o acervo.

Chato para ele, mesmo, é fazer pouco caso dos livros. Hoje em dia, quando pega obras que precisam de restauro e encadernação, o serviço oferecido na cidade já não é da mesma qualidade. Antigamente, as capas eram de couro de porco, com douração de boa qualidade. Hoje, as capas são bem menos resistentes e belas, segundo o sebista.

Impressionado com tanto trabalho? Mas sempre sobra um tempinho para quem, como ele, ama livros. “Se algum professor precisar de cooperação para montar biblioteca ou organizar publicações para incentivar a leitura dos alunos, ajudarei com o maior prazer!”, garante. ■

O destaque deste mês é o livro de Ana Maria Machado, com textos apresentados em congressos e seminários dos quais participou. A seção conta, ainda, com um lançamento infantil ilustrado por Graça Lima, que mostra uma criança descobrindo como lidar com sentimentos como a coragem e a perda.

Livros

João Teimoso

Luiz Raul Machado

Editora Nova Fronteira, 2007

João Teimoso e o menino eram amigos inseparáveis e viviam juntos para cima e para baixo. Foi a madrinha quem deu João – aquele boneco que vai e volta, teimosamente – de presente para o menino. João Teimoso balançava o corpo para frente e para trás dizendo para o menino continuar a brincar, correr, comer, crescer e ler as coisas no livro do mundo. Com o peso do carinho de sua mão, o

menino descobriu como fazer para João teimoso dormir. João não falava, mas ensinou ao menino que silêncio é uma das coisas mais bonitas que existem. Um dia, o menino chorou de alegria, e João ensinou que chorar pode ser de alegria ou de tristeza. Na relação do menino com seu boneco, o texto de Luiz Raul Machado – ilustrado por Graça Lima – mostra uma criança descobrindo diversos sentimentos, aprendendo também o que significa compartilhar e ter responsabilidades.



Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola

Anete Abramowicz/Valter Roberto Silvério

Editora Papyrus, 2005

Ao tratar a temática da diversidade em suas manifestações na escola, o livro busca ressaltar os aspectos positivos do trabalho que é desenvolvido tendo as diferenças por mote da ação educativa. Alguns de seus textos refletem vivências dos autores em seus esforços de questionamento, de estranhamento do vivido e do pensado, no sentido de potencializar suas experiências, extraindo outras possibilidades da escola, do professor e da vida. Os textos – sobre os negros e a temática racial, os homossexuais e as questões de gênero, as crianças pequenas e suas alternativas de escola, o ofício do professor e as concepções de ensino, além do relato

sobre um documentário realizado em São Paulo – revelam cenas discriminatórias e retratos intoleráveis da tentativa de subalternização dos diferentes, ao mesmo tempo em que projetam outras possibilidades. O livro é um convite para a discussão de um outro itinerário de escola e de educação.

Educação infantil: resposta educativa à diversidade

Gema Paniagua e Jesús Palacios
Editora Artmed, 2007

As propostas deste livro são marcadas pelo respeito e pelo tratamento educacional ativo da diversidade na educação infantil. Diversidade de níveis de desenvolvimento, de culturas familiares, de estilos de aprendizagem, de necessidades

especiais etc. Com o objetivo de dar uma resposta adequada a essa diversidade, revê-se o estilo educativo, a metodologia da sala de aula, a avaliação, a relação com as famílias e o trabalho em equipe, proporcionando novos critérios e especificações, tanto para o ciclo de zero a 3 anos como o de 3 a 6 anos.

Balaio – livros e leituras

Ana Maria Machado

Editora Nova Fronteira, 2007

No livro, dividido em quatro blocos temáticos, a autora põe à disposição do público algumas observações anteriormente restritas às platéias de congressos, seminários e encontros dos quais participou. Os textos tratam de temas diversos; alguns são sobre criação literária e a palavra escrita em geral. E outros versam sobre certas questões culturais contemporâneas.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Crônicas da minha escola Educação em vários países Acervo MULTIRIO Tons e sons	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato Tempo e clima	Nós da Escola Temas: Oscar Niemeyer, Clássicos da Literatura, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Afonso de Albuquerque, Pedro Lessa, entre outros.	Aqui no meu país É tempo de diversão As formas do invisível	9h-9h30 Cara de Criança* Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	

Net - canal 14

7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (dia 5) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (12) Acima do peso (19) Já não é sem tempo (26)
8h-8h30	Séries e documentários* O mundo secreto dos jardins Aqui no meu país É tempo de diversão	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de fadas poloneses Vamos brincar	Séries e documentários* Shakespeare: histórias animadas É tempo de diversão Contos de fadas poloneses	Séries e documentários Mesa brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MPB Encontros com a Mídia Convidados: Afonso de Albuquerque, Pedro Lessa, entre outros.	Cara de Criança animadas Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de fadas poloneses Vamos brincar	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas
8h30-9h	Contos de fadas poloneses						
9h-9h30		Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Audiovisual, Jogos eletrônicos, entre outros.	Nós da Escola Temas: Oscar Niemeyer, Clássicos da Literatura, entre outros.	Crônicas da minha escola Educação em vários países	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Audiovisual, Jogos eletrônicos, entre outros.
9h30-10h	Documentário especial O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (dia 6) Acima do peso (13) Já não é sem tempo (20) Papagaios amarelos (27)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História		Nós da Escola Temas: Oscar Niemeyer, Clássicos da Literatura, entre outros.
10h-10h30		Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Cantos do Rio MPB	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: Afonso de Albuquerque, Pedro Lessa, entre outros.
11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente

Net Educação

12h-12h30	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Reflets Curso de Francês* Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Veja edições inéditas de Gerúndio e Cacófato, com dicas de Língua Portuguesa, na BandRio, às terças, às 14h20; e no canal 14 da Net, às quartas, às 10h10, e aos domingos, às 8h40. Temas do mês: Baderna, Banguela, Charlato e Companhia.
12h30-13h	Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	Mesa brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (dia 2) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (9) Acima do peso (16) Já não é sem tempo (23) Papagaios amarelos (30)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	
13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Afonso de Albuquerque, Pedro Lessa, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Educação em vários países	Nós da Escola Temas: Oscar Niemeyer, Clássicos da Literatura, entre outros.		
13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br. *Juro que vi especial (O Curupira, O Boto, Iara e Matinta Perera), em homenagem à Semana do Folclore, na **BandRio**, no dia 25, às 9h; e no **canal 14 da Net**, no dia 22, às 12h. Documentário *Brasil em movimento – Assalto ao poder, partes 1 e 2* (Semana Getúlio Vargas), no **canal 14 da Net**, nos dias 23 e 24, às 10h30. No **canal 14 da Net**, *A Rua do Zoo 64* estreia no dia 27, às 9h15, e no dia 29, às 8h45.

Obra Social

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A única obra que você nunca
vai querer que acabe.



CASAS DE
CAPACITAÇÃO
PROFISSIONAL

www.obrasocial-rj.org.br

RIO  **PREFEITURA**
ASSISTÊNCIA SOCIAL

